

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

KATERINE IRACI DE BRITO SOBRINHA

**O VISCONDE DE TAUNAY:
MEMÓRIAS, LETRAS E ARMAS NO SEGUNDO IMPÉRIO**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
NOVEMBRO DE 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

KATERINE IRACI DE BRITO SOBRINHA

**O VISCONDE DE TAUNAY:
MEMÓRIAS, LETRAS E ARMAS NO SEGUNDO IMPÉRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre Em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Ricotta Vilela Pinto

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
NOVEMBRO DE 2012

B875v

Brito Sobrinha, Katerine Iraci de.

O Visconde de Taunay: memórias, letras e armas no Segundo Império. / Katerine Iraci de Brito Sobrinha - Vitória da Conquista, 2012.
79 f.

Orientadora: Lucia Ricotta Vilela Pinto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - PPGMLS, Vitória da Conquista, 2012.
Referências: F. 75-79.

1. Visconde de Taunay - Memórias. 2. Retórica oitocentista. 3. História e Biografia. I. Pinto, Lucia Ricotta Vilela. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 928.69

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

Título em inglês: Viscount of Taunay: Memories, Literature and Arms during the Second Empire.

Palavras-chaves em inglês: Viscount of Taunay; Memoirs; Rhetoric of the 1800s; Biography; History.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Lucia Ricotta Vilela Pinto (presidente), Prof. Dr. Marcello Moreira (titular), Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz (titular).

Data da Defesa: 21 de dezembro de 2012.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

KATERINE IRACI DE BRITO SOBRINHA

**O VISCONDE DE TAUNAY:
MEMÓRIAS, LETRAS E ARMAS NO SEGUNDO IMPÉRIO**

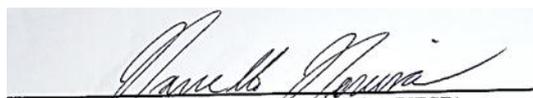
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre Em Memória: Linguagem e Sociedade.

Vitória da Conquista, Bahia, 21 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA



Lucia Ricotta Pinto (UESB)
(orientadora)



Prof. Dr. Marcello Moreira (UESB)



Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)

Para os meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento desta pesquisa. Agradecimento especial à queridíssima Lucia Ricotta, orientadora generosa e paciente, por quem nutro sincera admiração, o meu muito obrigada por tudo, com a certeza de que o carinho e a amizade há tanto cultivados não se encerram com este trabalho. Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, em especial ao professor Marcello Moreira, que forneceu pistas importantes para a realização desta pesquisa, não sem o seu habitual bom humor e erudição invejável. A Ricardo Martins Valle por suas contribuições no exame de qualificação. Aos colegas queridos, sobretudo àqueles que acompanharam de perto todo o processo, Mila, Noni, Indd, Elton, Kathy, Dani, Ane, Thali, Carla e Érica, mostrando que trabalha melhor quem trabalha em conjunto e cercado por amigos. A Frank, meu amor, leitor paciente de cada nova versão do texto, por quem quis, não poucas vezes, adiar a escrita e poder aproveitar melhor sua companhia incrível. Por fim, mas em primeiro lugar, agradeço à minha família, Dea, Jó, Jason, mãe e pai, fundamentais, sempre.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o livro de memórias do Visconde de Taunay a partir das determinações históricas de sua produção. A análise se dará por meio da articulação entre a escrita da própria vida por Taunay no *Memórias* (1946) e as biografias que o Visconde escreveu, sobretudo aquelas publicadas no livro *Servidores Ilustres do Brasil* (1930), compilação de biografias publicada postumamente por seu filho, Affonso de Taunay. Para tanto, procura-se ler o *Memórias* a partir das reminiscências da guerra do Paraguai, em especial, pela possibilidade que essa narrativa abre para a consideração sobre a escrita da *vida* enquanto articulação de uma tradição de varões ilustres. Este trabalho, portanto, pretende situar o *Memórias* em um momento de passagem de uma tradição retórica do gênero histórico da “vida dos excelentes homens” para uma formulação do gênero moderno da autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Visconde de Taunay; Memórias; Retórica oitocentista; Biografia; História.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the Viscount of Taunay's memoirs beginning with the historical determinations of his production. The analysis will be made through the connection between Taunay's own autobiographical work *Memórias* (1946) and the biographies written by him, in particular those found in the book *Servidores Ilustres do Brasil* ("Illustrious Servants of Brazil") (1930), which contains a collection of these biographies published after his death by his son Affonso de Taunay. In order to achieve this, we have read *Memórias* (which is based on Taunay's reminiscences of the Paraguay war) primarily for the reason that this narrative allows one to consider Taunay's writing of life as an articulation of a tradition of distinguished men. Therefore, this study intends to situate *Memórias* in that moment of transition from a rhetorical tradition of the historical genre of the "life of great men" to a formulation of the modern genre of autobiographies.

KEYWORDS: Viscount of Taunay; Memoirs; Rhetoric of the 1800s; Biography; History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Taunay e a historiografia	13
CAPÍTULO I – HISTÓRIA E BIOGRAFIA	18
A delimitação de um novo saber histórico sobre a pátria	18
Os letrados do Segundo Império	21
<i>Historia Magistra Vitae</i>	25
Plutarco e a galeria do ilustres	26
CAPÍTULO II – TAUNAY E A MEMÓRIA DOS ILUSTRES	33
A retórica oitocentista	35
Os heróis nacionais sob a pena do Visconde	39
Taunay biógrafo	43
CAPÍTULO III – MEMÓRIAS	53
As memórias do Visconde	54
Brasileiro Ilustre por Armas, Letras, Virtudes, etc.	64
Palavras finais	72
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

As possibilidades de leitura de um texto memorialista são inúmeras. Diferentes vertentes, definições e discussões em torno do assunto, bem como a variedade de aspectos a serem abordados quando de seu estudo, só nos faz crer que, a despeito da variedade de leituras e interpretações, a escrita de um texto memorialista precede qualquer teoria a seu respeito. No entanto, há um ponto que parece consensual entre aqueles que se dedicam a comentar ou a propor uma leitura mais acurada sobre o tema: sob a impossibilidade de narrar a sua vida com toda minúcia, sob o risco de ver o gesto narrativo suplantar a própria experiência, o memorialista partirá sempre de uma seleção de eventos, de um recorte que irá definir o tipo de leitura a ser feito pelo leitor, muita vez determinada pela autoimagem que o narrador faz de si mesmo.

Um autobiógrafo torna-se autobiógrafo porque o seu nome já é de alguma forma público, ou seja, a autobiografia é geralmente a história de uma personalidade, de alguém que já tenha se tornado notável, e que, por ter o seu nome emerso da massa de anônimos, se dá a autoridade de escrever sobre a própria vida, vida que deverá ser necessariamente dotada de qualquer motivo de publicidade. Mas se o autobiógrafo é já alguém cuja vida faz parte de um domínio público, qual seria a razão que o levaria a escrever sobre determinados eventos em detrimento de outros? Como cada livro de memórias guarda as suas singularidades, é temerário acomodá-los sob qualquer generalização, de modo que lançar hipóteses sobre uma provável resposta a essa pergunta parece-nos uma tarefa imprudente. Contudo, podemos, ao menos a partir de um caso específico, a partir do livro de memórias do Visconde de Taunay, *corpus* principal deste trabalho, partir da ideia de que as *Memórias* do Visconde estão a serviço da construção da autoimagem do próprio memorialista a ser preservada para a posteridade, em nome do reconhecimento e da glória dos seus feitos de *armas e letras*. É nesse sentido que, embora seja o memorialista uma figura já conhecida, narrar a sua *vida* significa construir uma imagem de si que seja autêntica, que conte com a autoridade de sua própria assinatura, e cujo conteúdo nenhum leitor está em posição de questionar.

O objeto, então, estava definido: o livro de memórias do Visconde de Taunay. Mas sob que definição de literatura memorialista partir? Sob quais leituras fundamentar a análise do livro em questão? Era preciso, antes, deixar o *objeto* dizer ele mesmo, escutá-lo, entender que tipo de singularidade estava funcionando ali. Era preciso deixar

que o próprio livro indicasse um caminho, uma possibilidade de leitura e formulação analítica.

Ao iniciarmos a pesquisa sobre o livro de memórias do Visconde o primeiro embaraço foi o de tentar acomodar o livro em questão nas formas modernas de autobiografia, em que o discurso memorialista está subordinado a uma subjetividade e aos seus desdobramentos reflexivos, autobiografia enquanto espaço em que os relatos da própria vida, supostamente verídicos, descortinariam, via narrativa, a integralidade de um *eu*. Todavia, o livro de memórias do Visconde se fundamenta em outro tipo de registro, derivando os seus princípios de composição de lugares da tradição letrada, cujas determinações obedecem a um regime institucional de práticas de composição de “vidas ilustres”. Daí que a nossa hipótese parte da ideia de que o *Memórias* se posiciona mais comodamente na passagem de uma tradição de escrita de “vidas ilustres” para as condições de composição de uma “autobiografia moderna”.

Fez-se necessário então tentar reconstruir de forma verossímil as condições que produziram a escrita de um livro de memórias como o do Visconde. Por tudo isso, estendemos a nossa pesquisa ao exame da escrita de biografias durante o século XIX no Brasil. Tivemos como resultado a constatação, em especial a partir da leitura do discurso proferido quando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, de que para escrever a história da pátria recém-independente era preciso que se escrevesse, também, a biografia dos “brazileiros illustres pelas sciencias, letras, armas e virtudes”.¹ É nesse sentido que o gênero biográfico se coloca pronto a apresentar a “vida moral” de homens dignos de serem lembrados para a glória da nação, com vistas a fundar uma tradição nacional de “brasileiros” que mereciam ter os seus nomes arquivados para uma justa apreciação da posteridade. Sendo assim, o gênero memorialista, tal qual o empreendido pelo Visconde, se nos afigurou como uma espécie de prolongamento ou apropriação da escrita biográfica dos homens ilustres, prática largamente difundida pelos letrados oitocentistas. A partir desta perspectiva, para melhor compreender o uso da escrita biográfica vinculada à escrita da história da pátria foi necessário que apontássemos, ainda que brevemente, a importância do discurso biográfico para os homens de letras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, então importante veiculador do gênero em questão.

¹ Mantivemos, em todas as citações de textos do século XIX, ortografia e pontuação originais.

O primeiro passo, então, foi dado no sentido de compreender a relevância do que esses letrados denominavam biografia, prática que tinha como objetivo compor uma “galeria de homens ilustres” para bem inserir o Brasil no rol das “nações civilizadas”, considerando como propósito também a edificação do amor e da glória da pátria. Constatamos, assim, que a escrita biográfica a um só tempo tanto ajudava a imortalizar a memória dos excelentes homens quanto a incitar, dramatizar e louvar os valores a serem cultivados pelos membros da nação. Depois de já feito um levantamento sobre as biografias escritas pelos homens de letras oitocentistas,² sobretudo aquelas compostas pelos membros e sócios do IHGB, a próxima tarefa foi estabelecer um cotejamento entre a prática de escrita biográfica e a prática memorialista tal qual aquela empreendida pelo Visconde de Taunay.

O trabalho a ser feito deveria, portanto, obedecer a uma dupla determinação: compreender e delimitar a relevância do discurso biográfico durante o XIX, e, em seguida, compreender como o Visconde atualiza esse gênero letrado como método de composição e delineamento da escrita de sua vida. Verificamos, assim, que o discurso elogioso com que Taunay descreve a própria vida constitui a formulação de um autorretrato com vistas a dar à nação brasileira mais um herói nacional, que deve ter o seu nome inscrito na memória da coletividade graças à relevância dos seus feitos de guerra e de pena, oferecendo aos olhos do leitor a formação e a atuação de um homem cujo nome deve figurar entre aqueles que trabalharam para “a mais pura e bem assinalada glória da pátria”.³

No entanto, o percurso de pesquisa não foi tão rapidamente estabelecido. Algumas chaves de leitura se impuseram como interpretações possíveis. As formulações sobre a produção letrada do século XIX, que apontam para as relações que se estabeleceram entre a produção literária oitocentista e o ambiente em que ela veio a florescer são determinantes para vertentes críticas atraídas pelo fator Independência como motivador da suposta autonomia estética das letras oitocentistas. Parece-nos certo que as formulações dos primeiros românticos, pautadas nas ideias de autores como Madame de Staël e Ferdinand Denis⁴, buscavam fixar na natureza brasileira e nas suas singularidades a existência de uma literatura brasileira própria, singular, e por isso

² Esta seção é publicada na Revista do IHGB de 1839, ano em que sai a primeira edição da Revista do Instituto, até 1901, contando com cerca de 150 biografias de homens célebres.

³ Cf. TAUNAY, Alfredo d’E (Visconde de Taunay). *Dois artistas máximos*. Rio de Janeiro, Cia. Melhoramentos de S. Paulo, 1930, p. 17.

⁴ Cf. Gonçalves de Magalhães. “Ensaio sobre a Historia da Litteratura do Brasil”. In: *Nitheroy: revista brasiliense. Sciencias, Letras e Artes*. Tomo Primeiro. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836.

mesmo livre de quaisquer outras determinações que não ela mesma. No entanto, vivendo simultaneamente com esse ideal de autonomia estética da literatura, a importância concedida a duas outras disciplinas, a retórica e a poética, e o lugar de destaque assumido por elas na formação intelectual de nossos letrados oitocentistas se abriu enquanto possibilidade de pensar as práticas letradas, sobretudo o discurso biográfico e autobiográfico, sob uma perspectiva que lança luz sobre a permanência de uma tradição normativa que chega ao XIX ainda com vigor.

A permanência de uma tradição retórica durante o século XIX manifesta-se na produção de manuais e compêndios de retórica e poética com larga difusão no cenário intelectual do século XIX. Nos espaços acadêmicos, nas instituições de ensino, e principalmente nos púlpitos, seja sob a forma de sermão seja sob a forma de discursos parlamentares e comemorativos, ou ainda à beira do túmulo de alguma ilustre figura, as regras da eloquência se mantiveram vigentes não apenas como matéria de ensino escolar, mas também como conhecimento indispensável para performances discursivas em ocasiões públicas. Daí o espaço dedicado a alguns desses manuais e compêndios, neste trabalho, a fim de compreendermos a apropriação e o uso que os letrados oitocentistas fazem dessa tradição normativa, sobretudo na escrita biográfica de homens ilustres.

Convidamos, então, o leitor a percorrer o caminho por nós aqui trilhado. No primeiro capítulo fez-se necessário traçar um breve percurso sobre a esfera de atuação dos letrados oitocentistas reunidos sob o nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para compreender a finalidade e reconhecer a importância do discurso biográfico para os membros daquela instituição. É no primeiro capítulo ainda que esboçamos breve análise sobre as relações entre arte histórica e discurso biográfico como possibilidade de articulação entre esses dois elementos na constituição de um novo saber sobre a pátria e a configuração de um *sentimento* de nacionalidade e patriotismo. No segundo capítulo, a fim de verificarmos a permanência de uma tradição retórica no sistema de ensino do século XIX, propomos rápida passagem por alguns manuais e compêndios de retórica que circulavam no período, nos concentrando sobretudo n'*As lições elementares de eloquência nacional*, do português Francisco Freire de Carvalho, e no *Compendio de Rhetorica e Poetica*, de Manoel da Costa Honorato.

A aproximação entre esses manuais e a biografia oitocentista nos permitiu visualizar melhor o aparato retórico utilizado por esses letrados na escrita das biografias, obedecendo a determinações prescritivas de composição de “vidas ilustres”.

Após ligeira apresentação de alguns aspectos dos compêndios e manuais de retórica, formulamos então uma análise um pouco mais detida sobre as biografias escritas pelo próprio Visconde, procurando destacar o uso de conceitos fundamentais das prescritivas acima mencionadas. Na elaboração de suas biografias, Taunay demonstra absoluta consciência dos procedimentos próprios a produzir os efeitos desejados sobre o leitor. De onde podemos concluir que o Visconde concebe os textos que redige como uma *forma*, como uma composição passível de ser ordenada a partir de determinações próprias de gêneros particulares.

Partindo desta perspectiva, e a fim de pensarmos, já então no último momento deste trabalho, em como a autobiografia do Visconde é contaminada pelo gênero biográfico das vidas ilustres, conservando em alguma medida os procedimentos que farão do seu livro de memórias uma composição apta a legitimar a sua imagem de herói nacional, investigamos a obra em questão procurando demonstrar a existência de lugares-comuns próprios dos discursos elogiosos com que se delineava a vida dos excelentes homens.

Ao final, o que fica desta investigação é a estreita relação entre a composição de biografias e a autobiografia de Taunay com a retórica oitocentista, o que nos leva a recolocar a importância do estudo das preceptivas que circulavam no Brasil durante o século XIX pelo rendimento que a análise desses compêndios e manuais pode oferecer para uma pesquisa mais fecunda dos diferentes gêneros de composição praticados por nossos letrados.

Taunay e a historiografia

“Nutro a ambição de que não de chegar à posteridade duas obras minhas: *A retirada da Laguna e Inocência*... Quem me dera a segurança de Horácio, a convicção do grande cinzelador de versos imperecíveis – Non omnis moriar!”⁵ Esperançoso quanto às obras que lhe conservariam o nome no futuro, Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, teve, por parte significativa da recepção

⁵ TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 135.

crítica, sobretudo ao longo do século XX, em apenas duas de suas inúmeras obras um reconhecimento mais efetivo: *A retirada da Laguna*, obra em que se dedica a narrar as lembranças dramáticas da guerra contra o Paraguai, sendo redigida originalmente em francês, língua que dominava fluentemente por tradição de família; e *Inocência*, notadamente mais reconhecida, é geralmente apontada como a sua grande obra.

Graças a estas duas obras, não apenas os críticos que lhe eram contemporâneos, mas também críticos e historiadores da literatura ao longo do século XX, dão a Taunay um lugar de destaque na formação da literatura brasileira. Sílvio Romero,⁶ por exemplo, atentamente se dedicou à sua obra, considerando que “esse fecundo escritor e inteligente político bem merece e bem está a pedir um estudo largo e impessoal”. Para Romero, o que de mais pronto caracteriza a obra do Visconde são os “germes de brasileirismo paisagista”, desde cedo “inoculados pelo dedo mestre do pai”, bem como “os azares da guerra”, tendo, ambos, a missão de exaltar “a fantasia e fornecer as tintas dos quadros ao futuro escritor”. E, a exemplo de Sílvio Romero, outros críticos invariavelmente acentuam este traço da obra do Visconde. É o caso do crítico, seu também contemporâneo, José Veríssimo,⁷ que caracteriza Taunay como um “genuíno brasileiro de índole e sentimento”, que não obstante a sua “dupla origem estrangeira”, dá claros “sinais das nossas peculiaridades”.

Ao longo de todo o século passado, Taunay também foi frequentemente mencionado nas obras de historiografia literária. Afrânio Coutinho,⁸ por exemplo, se deteve no romance *Inocência*, por considerar este o momento mais alto da produção de Taunay, sendo, segundo ele, resultado de uma feliz fusão entre “uma história de amor de acentuado sabor romântico” e “uma descrição realista de hábitos e costumes, episódios e cenários da vida sertaneja, até então inédita em nossa literatura”. Alfredo Bosi⁹ também faz menção à obra de Taunay, situando-o entre aqueles que deram ao *regionalismo* a medida do que foi este gênero, ao lado de Bernardo Guimarães e Franklin Távora. Por “temperamento e cultura”, segundo Bosi, Taunay deu ao “regionalismo romântico” as suas cores mais sóbrias. A título de exemplo, ele também toma *Inocência* como a obra principal do Visconde. Para Bosi, “no âmbito do

⁶ ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, pp. 405-418.

⁷ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves e Cia, 1916.

⁸ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. I a VI, 6ª ed. São Paulo: Global, 2003, pp. 281-285.

⁹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988, pp. 140-147.

regionalismo” nada há que supere *Inocência* “em simplicidade e bom gosto”, atribuindo a gênese do livro a uma fórmula que seria bastante cara a Taunay, o que o crítico denominará de “realismo mitigado”, uma vez que, segundo Bosi, o seu “interesse real é de ordem pictórica”.

Wilson Martins, historiador e crítico literário, em seu caudaloso livro *História da inteligência brasileira*,¹⁰ também traz alguma análise a respeito do Visconde. Ao contrário dos críticos já mencionados, que tomam *Inocência* como a obra-chave de Taunay, Wilson Martins lança um olhar mais cuidadoso à obra *A retirada da Laguna*. Para Martins, se a campanha de Canudos produziu uma “obra-prima absoluta, que se chama *Os Sertões*”, a obra-prima no que se refere à guerra do Paraguai “leva o nome de *A retirada da Laguna*”. Ainda no mesmo texto, Wilson Martins afirma que o livro de 1871 é estruturado sob uma “perspectiva de tragédia grega”, uma vez que os seus heróis, “nem completamente inocentes, nem completamente culpados”, estão antecipadamente condenados ao aniquilamento, sob consequência de “qualquer obscura vingança divina”. Aqui, a crítica sobre a obra de Taunay deixa evidente a importância que a campanha de guerra da qual participou parece desvendar a ele mesmo o seu próprio talento literário. Wilson Martins, por exemplo, chama a atenção para esse aspecto da produção de Taunay, segundo ele, “a paisagem do Oeste brasileiro, os seus tipos característicos e os episódios relacionados com a guerra vão constituir a parte central de toda a sua obra e um obsessivo tema de inspiração”.¹¹

Antonio Candido da mesma forma também dedica parte do seu *Formação da literatura brasileira*¹² ao Visconde. Para Candido, Taunay, embora militar “enfrentado em problemas práticos”, não deixou de trazer à literatura brasileira “uma rica experiência de guerra e sertão”, depurada “por sensibilidade e cultura nutridas de música e artes plásticas”. Segundo Candido, para esse “esteta de sangue francês”, o fato de ter enfrentado asperamente os sertões brasileiros fez com que a paisagem deixasse de ser para ele apenas um espetáculo a ser contemplado, integrando-se, por outro lado, “na sua mais vívida experiência de homem”. Daí o fato de suas obras mais significativas estarem ligadas à “experiência de sertão e guerra”. Candido leva mais adiante a sua discussão em torno da obra de Taunay. Para o crítico, duas palavras que poderiam sintetizar bem a obra de Alfredo d’Escragolle são *impressão e lembrança*. Escolhe

¹⁰ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 2ªed. São Paulo: Cultrix, 1977, pp. 344-368.

¹¹ *Idem*, p. 352.

¹² CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 4ªed. São Paulo: Martins, 1964.

“impressão e lembrança” em vez de “memória e emoção”, por considerar o caráter pouco profundo da criação literária de Taunay. Mas, ainda assim, para Candido, é preciso apontar essa singularidade da obra do Visconde “por ser ela única naquele tempo”, diante da insistência com que passou a vida “elaborando sem cessar a própria existência”.

A crítica sobre o Visconde de Taunay se ateve, em especial, a *Inocência* e *A Retirada da Laguna*, tendo em vista que os critérios nacionalistas nelas se impuseram desde seus contemporâneos como chave de leitura interpretativa dominante. Alternativas distintas configuram-se nas leituras recentes sobre o Visconde, redefinindo seu “lugar” na historiografia literária a partir do critério da “transição”: Taunay amplia o ideário nacionalista dos primeiros românticos – a exemplo de Gonçalves Dias, Araújo Porto-Alegre e Gonçalves de Magalhães – em buscar a autonomia e a peculiaridade da literatura brasileira na natureza americana como “farto manancial de inspiração”, sendo este o elemento que daria uma “fisionomia própria ao pensamento nacional”,¹³ mas também é possível que se perceba parte da obra do Visconde afinada ao momento em que a literatura começa a arriscar os seus primeiros passos na problematização da sociedade brasileira, sobretudo a carioca, de meados do século XIX; a título de exemplo, podemos citar os seus “romances urbanos”,¹⁴ como *Ouro sobre Azul*, *O Encilhamento* e *No Declínio*. Outra característica de Taunay ressaltada por seus críticos é a respeito da sua origem francesa¹⁵ que, por assim dizer, causava certo mal estar dada a sua condição de estrangeiro, embora tenha nascido no Brasil. É nesse sentido que a atuação pública do Visconde muitas vezes se ocupou em transformar “os ressentimentos impotentes das gerações anteriores em projetos efetivos”.¹⁶ E é ocupando cargos públicos, sendo presidente da Sociedade Central de Imigração, por exemplo, que o Visconde procura legitimar os direitos de cidadania anteriormente negados não apenas aos seus ascendentes, mas também aos estrangeiros que lhe eram contemporâneos.

Outro trabalho de semelhante importância para a fortuna crítica do Visconde é o livro *O Visconde de Taunay e os fios da memória*, de Maria Lídia Maretti.¹⁷ Na sua tese

¹³ ASSIS, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*. In: *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v. 3, p. 801.

¹⁴ Cf. Maria Lídia Maretti. *Os romances urbanos do Visconde de Taunay*. Anais do XI Congresso da ABRALIC, 2008.

¹⁵ A família de Taunay veio para o Brasil por ocasião da vinda da Missão Artística em 1816.

¹⁶ MARETTI, op. cit., p. 90.

¹⁷ MARETTI, Maria Lídia. *Os romances urbanos do Visconde de Taunay*. São Paulo: XI Congresso da ABRALIC, 2008.

de doutorado, que deu origem a esse livro, Maria Lúcia dedica a sua pesquisa à análise dos textos escritos pelo Visconde de modo a tentar caracterizá-los como um “discurso de transição entre as imagens de nacionalidade já então criadas e em exploração pelo romantismo brasileiro e aquelas que o conflito [a guerra contra o Paraguai] levou a criar, quase como uma imposição histórica”.¹⁸ O trabalho de Maria Lúcia Maretti é interessante, dentre outras coisas, por abordar um ponto muito particular: ao transitar por toda a produção letrada do Visconde, ela retoma a discussão do caráter de “transição” da sua obra, assumindo, no entanto, outra perspectiva no exame desta questão; demonstra, por exemplo, que uma das particularidades da obra de Taunay está na diferença com que a natureza brasileira passa a ser figurada ao longo de sua produção: antes, objeto de contemplação e motivo para a produção artística, depois da sua participação na guerra contra o Paraguai, a natureza volta a ser tema de sua obra, mas ocorre, contudo, “um movimento gradativo em direção a uma visão cada vez mais ‘negativa’, porque menos mitificada e mais crítica da natureza brasileira”.¹⁹

Outro aspecto interessante diz respeito às consequências que o trabalho de Maria Lúcia traz para o estudo do livro de memórias do Visconde. Uma vez partindo da análise minuciosa dos textos de Taunay e das implicações que a guerra contra o Paraguai teve na elaboração de parte significativa de sua obra, o trabalho de Maria Lúcia lança luz, também, e por isso mesmo é referência fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, sobre a relação entre história, memória e experiência de guerra na caudalosa e diversificada obra do Visconde. O que implica, primeiro, um possível rompimento dos limites que demarcam fronteiras muito bem definidas entre os “gêneros” literários praticados por ele, da mesma forma que significa, também, a proposição de uma nova e mais abrangente leitura de sua obra.

São estes, portanto, vistos de maneira bastante geral, alguns dos princípios teóricos que guiaram as interpretações sobre a obra de Taunay, ora abordando o “brasileirismo paisagista” ou “o regionalismo romântico” dos seus textos, ora tendo como chave de leitura o seu caráter de “transição”, ou, ainda, o problema da sua “dupla nacionalidade”. É nesse sentido que o nosso interesse, aqui, recai sobre a escolha de um livro pouco reconhecido por aqueles que desenvolveram algum trabalho mais sistemático sobre o Visconde, entendendo assim a importância que o seu livro de memórias assume para uma compreensão mais abrangente da totalidade da sua obra.

¹⁸ *Idem*, p.61.

¹⁹ MARETTI, op. cit., p.66.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E BIOGRAFIA

A delimitação de um novo saber histórico sobre a pátria

Uma das principais propostas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mantido inicialmente pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), era a centralização de importantes documentos espalhados pelas províncias do Império, servindo como uma espécie de prontuário disponível aos homens de letras membros daquela instituição. “Composto de homens os mais conspícuos por suas letras e suas virtudes”, o IHGB foi fundado por uma pequena elite vinculada à monarquia. Os membros, homens letrados, no sentido lato do termo, eram em sua maioria administradores, burocratas, coronéis, generais, marechais, cônegos, poetas que, juntos, formavam a elite letrada imperial empenhada na formulação e constituição de um saber histórico e geográfico sobre o Brasil. Por meio dos financiamentos, dos incentivos, ou ainda de sua participação efetiva nas reuniões do IHGB, sobretudo a partir de 1840, sediadas então no Paço Imperial, a instituição monárquica compreendeu a manutenção de um Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como uma possibilidade de fortalecimento e centralização política do Império.

É nesse sentido que fundamentar as bases da sua corte investindo na produção letrada, como uma espécie de mecenas protetor das artes e das letras, levando às províncias o modelo de cultura e civilização, afigurou-se à corte carioca como uma importante estratégia política com vistas à estabilização do poder central da monarquia. O IHGB era, portanto, a sede dessa elite letrada imperial que procurava dirigir o país nos domínios intelectual, político, administrativo e militar, revelando desta forma as pretensões dos membros do IHGB em manter “relações com instituições congêneres, quer nacionais, quer internacionais, em constituir-se numa central, na capital do Império, que, incentivando a criação de institutos históricos provinciais, canalizasse de volta para o Rio de Janeiro as informações sobre as diferentes regiões do Brasil”.²⁰

Há, também, outro empreendimento levado a cabo pelos fundadores do IHGB, e que participa diretamente da proposta inicial acima sumarizada, que é a produção de uma revista trimensal em que se publicassem alguns desses documentos coletados e,

²⁰ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. Estudos Históricos, Caminhos da Historiografia, vol I. Rio de Janeiro, 1988, p.8.

dentre outras coisas, em que se pudesse também escrever a biografia dos homens ilustres que ajudaram a fundamentar os alicerces da pátria. Tudo isso está posto no discurso de fundação do Instituto,²¹ proferido por um de seus principais idealizadores e então primeiro secretário adjunto, o cônego Januário da Cunha Barbosa, no dia 25 de novembro de 1838, cujo teor gira em torno da preocupação em mostrar às “nações cultas”, que por meio desta “literária associação” – o IHGB – os homens de letras, ali denominados brasileiros, também prezam a “glória da nação”, ao concentrar os seus esforços na compilação dos diversos documentos da história e geografia da pátria, para que pudessem ser oferecidos ao “conhecimento do mundo”, livres de erros e inexatidões.

Januário da Cunha Barbosa toma, então, Cícero como autoridade da matéria histórica enquanto “testemunha dos tempos”, “luz da verdade” e “escola da vida” para justificar a importância da fundação de um instituto que com ela se ocupasse, uma vez que essa “judiciosa doutrina”, a história, deve se preocupar, antes de qualquer coisa, em eternizar os fatos memoráveis da pátria, “salvando-os da voragem dos tempos”, estando ainda a serviço daqueles que recorrem à experiência passada dos antigos para aprender a bem agir no presente. Desta forma, Januário da Cunha Barbosa assinala então a dupla mirada que deve nortear os trabalhos do Instituto: primeiro, a de “salvar da indigna obscuridade em que jaziam” as memórias da pátria e os feitos memoráveis que devem compor a sua história; segundo, a fixação na memória da coletividade do nome de seus “melhores filhos” que colaboraram para “a marcha da nossa civilização”.

A organização dos documentos para a posterior escrita de uma “historia geral brasileira”, deixada a cargo dos letrados reunidos sob o nome do Instituto, é, para o cônego, mais uma mostra do “gênio fecundo e amor das letras” desses empenhados homens que se reúnem em nome do “amor da glória nacional”. É desta forma que mais do que compilar a documentação das províncias na capital do Império, o discurso do cônego se direciona no sentido de depositar nos “illustres sócios do Instituto” a responsabilidade por escrever a vida dos grandes homens que figuraram na história da pátria, sendo este também o dever que deve nortear o trabalho daqueles que prezam pelo bem público e pela formação dos seus concidadãos.

²¹ Januário da Cunha Barbosa. *Discurso do Primeiro Secretário Perpétuo do Instituto*. Revista do IHGB, t.I, 1839.

O desejo de dar vida a beneméritos, que o nosso descuido tem deixado mortos para a gloria da patria e para a estima do mundo, já se tem apoderado de alguns dos illustres socios desse nosso Instituto. Uma biographia dos mais preclaros Brasileiros é tarefa, decerto, mui superior às forças de um só homem, attentas as nossas circumstancias; mas a gloria que deve resultar de uma tal empreza accende o zelo dos que a tem encetado em communhão de trabalho, e reflectirá também sobre o nosso Instituto, porque são do seu gremio os emprehendedores da desejada biographia brasileira. (Januário da Cunha Barbosa, 1839, p. 14).

O que nos chama a atenção, aqui, é a organização dos documentos interessantes a uma pretensa “historia geral brasileira”, encadeada em seus acontecimentos com “esclarecido critério, com dedução philosophica, e com luz pura da verdade” em sua estreita ligação com a escrita biográfica dos homens insignes. É esta relação que se estabelece entre as duas esferas, indício de uma prática que procura vincular o incitamento à escrita de uma “história geral do Brazil”, a ser forjada pelos “guardiões da nossa história oficial”,²² à escrita da biografia dos “illustres brasileiros”, colocando as duas coisas como complementares, para que só assim se realizasse integralmente, segundo o cônego, “a doutrina de Cícero, quando chama a história testemunha dos tempos e escola da vida”.

Certos quanto ao caráter inovador do seu projeto, os membros do IHGB vislumbravam, então, na reunião dos documentos espalhados pelas províncias periféricas e na união e comunicação direta entre os homens de letras a possibilidade de fundar uma “historia geral do Brazil”. Com o fato histórico da Independência, os letrados entenderam a emergência de criar uma narrativa coesa da história do Império, mirando também a construção dos princípios do “verdadeiro patriota brasileiro”.

Em termos práticos, os documentos recolhidos pelos membros do IHGB ainda não obedeciam ao rigor metodológico da história enquanto disciplina científica, deixando clara a indissociabilidade entre o gênero histórico e outros gêneros letrados como panegíricos, elogios fúnebres, memórias, biografias, relatos de viagem, crônicas, cartas, tratados, enfim, tudo quanto pudesse engendrar as disposições e as afecções próprias para a configuração do amor e da glória nacional. Tudo isso denota “o problema da heterogeneidade e irredutibilidade desses textos a uma categoria genérica

²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Os guardiões da nossa história oficial: os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo: IDESP, 1989.

de composição”, como nos diz Maria da Glória de Oliveira a este respeito.²³ É desta forma que, ao se adaptar aos interesses dos letrados dos Oitocentos, o discurso histórico, ainda indefinido, pressupõe elementos heterogêneos em sua composição, sobretudo em sua aproximação com o gênero biográfico. A história, enquanto arte de eternizar os feitos memoráveis da pátria, portanto, segundo os princípios delimitados pelo cômico, obedece a critérios de composição vinculados a uma tradição de gêneros letrados, isto é, a convenções, procedimentos e ornatos que retiram da “indigna obscuridade” a “verdade histórica” para que seja lida “em todos os tempos com justa admiração”.

Os letrados do Segundo Império

Uma vez posto que se trata de uma atualização do antigo *topos* da *historia magistra vitae*,²⁴ e aqui é preciso que se assinala a referência a Cícero feita pelo cômico no *Discurso* acima mencionado, é interessante notar a ambição dos membros do IHGB em formular o conhecimento a ser propagado e arquivado para a posteridade como um conhecimento “puro e verdadeiro”. Sendo que um dos fins desse desígnio é a ilustração dos membros da pátria, nada mais natural que esperar daqueles que manuseassem o discurso histórico que fossem dignos de crédito e que estivessem, portanto, aptos a regular o mapa de ações a serem cultivadas por aqueles que recorrem à história como guia e fonte de exemplos. Para tanto, a competência em estatuir o palco das “lições úteis” à nação está na mão dos homens de letras, que não desvinculam os seus trabalhos intelectuais da responsabilidade da ação moral, mas, antes, trabalham no sentido de promover o desenvolvimento da pátria através das letras e da instrução dos seus membros, levando ao conhecimento público os modelos ilustres que fizeram “coisas dignas de serem escritas” ou escreveram “coisas dignas de serem lembradas”.²⁵ É desta forma que o discurso do cômico reafirma o papel das letras como uma “honrosa estrada

²³ OLIVEIRA, Maria da Glória. *Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)*. História, São Paulo, v. 26, n. 1, 2007, p. 154-178.

²⁴ “Cícero, referindo-se a modelos helenísticos, cunhou o emprego da expressão *historia magistra vitae*. A expressão pertence ao contexto da oratória; a diferença é que, nesse caso, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência. (...) A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática, sobre a qual o orador exerce a sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos a fim de que seja possível instruir por meio dela” (KOSELLECK, 2006, p. 43).

²⁵ Januário da Cunha Barbosa, op. cit., p. 13.

que podem melhor seguir aqueles dos nossos patrícios em cujos peitos palpitam corações animados pelo amor da glória literária”.²⁶ Segundo o cônego, somente este “amor da glória literária” enriqueceria os seus membros de “conhecimentos interessantíssimos”, e da combinação dos ideais adquiridos via cultivo das letras nasceriam então novos conhecimentos, que além de ilustrar os cidadãos tornariam ainda mais profícuos os seus serviços em benefício da pátria.

Se a criação do IHGB tem, segundo os seus fundadores, a finalidade inicial de coligir e metodizar os documentos históricos e geográficos interessantes à história do Brasil, é importante que se perceba que o esforço é ainda maior porque assume tacitamente uma outra responsabilidade, uma vez que os letrados do IHGB, mais do que se preocuparem em oferecer subsídios para a escrita da história, assumem também a tarefa de reparar as fissuras de um estado fragmentado, em que o projeto de formulação dos ideais de um sistema sócio-político sólido, uno e coeso esbarra em uma sociedade escravocrata e ainda sob efeito do “triste fado que sobre nós pesára por mais de trezentos annos”.²⁷ José Bonifácio assim escreve em 1813: “amalgamação muito difficil será a liga de tanto metal heterogêneo. Como brancos, mulatos, pretos livres e escravos, índios etc. etc. etc., em um corpo sólido e político”.²⁸ É nesse sentido que a ideia de criação de um instituto histórico e geográfico guarda a finalidade de dar aos membros da nação e às outras nações ditas civilizadas uma narrativa histórica homogênea que une, via “amor da patria e amor das letras”, as partes de uma nação fragmentada e incivilizada; e, ao colocar ao alcance dos homens incultos os eventos mais singulares e os beneméritos varões que empreenderam grandes feitos, a história assumiria enfim a sua função pedagógica de instrução do presente através da exposição do passado.

Januário da Cunha Barbosa, no *Discurso* acima citado, propõe a utilidade imediata de uma instituição que se dedique aos estudos históricos da nação, endossando a importância que o homem de letras deve ter na garantia de uma “época gloriosa em nossa pátria”.²⁹ Para tanto, o cônego se vale do Discurso de Recepção pronunciado na Academia Francesa, a 20 de novembro de 1828, por Amable Guillaume Prosper Brugière, o barão de Barante, na formulação do argumento de que o homem de letras é o único apto a organizar “todos esses materiaes informes, incompletos, e mesclados dos

²⁶ *Idem, ibidem.*

²⁷ *Idem, p.13.*

²⁸ GUIMARÃES, op. cit., p. 6.

²⁹ Januário da Cunha Barbosa, op. cit., p. 13.

prejuízos do tempo”, podendo formar a partir dos fragmentos do passado “um completo regular de factos, purificados no crisol da crítica”.

O discurso do barão de Barante, monarquista e defensor de Luís XVI, ao tratar dos infortúnios da Revolução Francesa, se reporta, em seu discurso, à violência e injustiça com que os revolucionários guiaram os novos caminhos da pátria: “Alors commença une lutte où intervint la violence, où la justice disparut devant la force, où se mêlèrent les passions, où bouillonnèrent les vices; le lien social se brisa, et le droit de la guerre sembla régner entre les citoyens d'une même patrie”.³⁰ É então que o barão expõe a complexidade de dar às novas gerações uma ideia verdadeira e precisa do que tenha sido o evento, ao escrever que “Ceux qui n'ont point assisté aux scènes sanglantes de la Révolution ne savent guère se transporter, par l'imagination, au milieu de tant d'angoisses et de douleurs”.³¹ É preciso, antes, que a história seja contada por “um guia esclarecido e seguro”, capaz de oferecer aos olhos do leitor a galeria de fatos que por si só não alcançariam o efeito pretendido. Para o cônego, e aqui ele traduz³² um trecho do discurso do barão de Barante,

A sorte geral da humanidade muito nos interessa, e nossa simpatia mais vivamente se abala quando se nos conta o que fizeram, o que pensaram, o que sofreram, aqueles que nos precederam na cena do mundo: é isso o que falta à nossa imaginação, é isso o que ressuscita, por assim dizer, a vida do passado, e que nos faz ser presentes ao espetáculo animado das gerações sepultadas (Januário da Cunha Barbosa, 1839, p. 14).

É importante notar que “ressuscitar a vida do passado” não é uma tarefa a ser executada por qualquer um, para contar “o que fizeram, o que pensaram e o que sofreram” os grandes homens “que nos precederam na cena do mundo” é indispensável o talento e a ilustração daquele que deve dominar a arte de narrar a história. Ao poder “eternizar pela história os fatos memoráveis da pátria”, o homem de letras tem em suas mãos, por assim dizer, a possibilidade de escolha e modelagem desses “fatos memoráveis”, e uma vez trazendo à luz a vida dos homens ilustres por suas virtudes,

³⁰ “Então começou uma luta em que interveio a violência, em que a justiça sucumbiu à força, em que se misturavam as paixões, em que os vícios borbulhavam; os laços sociais se desfaziam, e as leis da guerra pareciam reinar sobre os cidadãos de uma mesma pátria” (tradução livre). Cf. BARANTE, Le Baron de. Discours de Reception Prononcé a l'Academie Française. In: *Mélanges Historiques et Littéraires*. Tome Troisième. Chez Ladvocat Librairie: Paris, 1835, p. 11.

³¹ “Aqueles que não participaram das cenas sangrentas da Revolução não saberiam se transportar, pela imaginação, a tantas angústias e dores” (tradução livre). *Idem*, p. 6.

³² No cotejamento entre o Discurso do barão de Barante e o Discurso proferido pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, constatamos que o cônego traduz um longo fragmento do discurso do barão sem creditar a passagem traduzida.

para que deles a posteridade tire proveito, assume também a missão de não cindir a arte de narrar da própria prática historiográfica, antes pelo contrário, as duas coisas são tomadas por uma só. O Instituto opera, assim, na formulação de um discurso histórico escrito por aqueles que possuem as luzes necessárias para a construção do conhecimento que deve chegar aos leitores, para que dele os homens de poucas luzes tirem o maior proveito. Não se trata, portanto, de um desejo altruísta de esclarecer ou instruir a população, mas ilustrar significa, aqui, a propagação de um conhecimento deliberadamente formulado por um grupo restrito de homens que assumem para si a tarefa de tomar pela mão e guiar a massa de homens incultos pela “galeria dos fatos”. E os fatos “bem ordenados”, ou o conhecimento indispensável à instrução desses homens, que, ao depender somente deles próprios, se limitaria a uma “mal entendida abstracção”, é posto didaticamente em teatro a fim de manter a sua eficácia persuasiva, para que a exposição dos “grandes acontecimentos” “desembarquem a inteligência dos leitores”:

A razão do homem, sempre vagarosa em sua marcha, necessita de um guia esclarecido e seguro, que accelere os seus passos. O talento dos historiadores e dos geographos é só quem pode offerecer-nos essa galeria de factos que, sendo bem ordenados por suas relações de tempo e de logar, levam-nos a conhecer na antiguidade a fonte de grandes acontecimentos, que muitas vezes se desenvolverão em remoto futuro. A historia seria, portanto, incompleta, descoberta e árida, se occupando unicamente de resultados geraes, por uma mal entendida abstracção, não collocasse os factos no theatro em que se passaram, para que melhores se apreciem pela confrontação de muitas e poderosas circumstancias que desembarquem a intelligencia dos leitores (Januário da Cunha Barbosa, 1839, p. 14).

Nota-se aí um empreendimento intelectual com vistas à formação de um Estado que fundamenta a firmeza de seus alicerces nos “guias esclarecidos e seguros”, aptos a colocar “os factos no theatro em que se passaram”. A importância dada ao “talento dos historiadores e geógrafos”, ou do homem cultivado e letrado, que usa a sua instrução e o domínio retórico-poético das letras a favor da glória da nação, é mais que um dado, é um caminho que se abre na tentativa de compreender as ambições dos membros do IHGB em livrar a recém-independente pátria do “intolerante monopólio da administração portugueza” através desse “ramo de estudo tão necessário à civilização dos povos”,³³ para que daí então o “Brazil” passasse a figurar no rol das nações cultas e civilizadas.

³³ *Idem*, p.17.

Historia Magistra Vitae

Por ser um “fecundo seminário de heróis”,³⁴ a história é o espaço em que se escreve, segundo o cônego, “coisas dignas de serem lidas”, ou, ainda, o meio mais eficaz para se determinar as ações dos homens no presente via exposição do passado. Uma das claras funções do Instituto é, portanto, a possibilidade de mostrar aos seus compatriotas a história dos grandes feitos e dos grandes homens a fim de lhes infundir no ânimo a coragem e a determinação para agirem de forma semelhante em uma “patriótica emulação”; é assim que a “história tem um papel de escola, na qual se podia aprender a ser sábio e prudente sem incorrer em grandes erros”.³⁵ É nesse sentido que a revista do IHGB, formulada a partir da concepção exemplar da história, abre um espaço em seu interior dedicado às biografias dos grandes homens, que por seu teor exemplar forneceria um modelo de conduta e moralidade à posteridade:

Não duvidamos, senhores, que as melhores lições que os homens podem receber lhes são dadas pela historia. Por isso que a virtude é sempre digna da veneração publica, a gloria abrilhanta os honrados cidadãos ainda mesmo quando pareçam haver succumbido aos golpes da inveja e da intriga dos maos; a justiça que a posteridade lhes faz, salvando seos nomes e seus feitos de um injusto esquecimento, é forte estímulo para uma patriotica emulação (Januário da Cunha Barbosa, 1839, p. 15).

Para que exista uma “patriótica emulação” desses “honrados cidadãos” é preciso, antes de qualquer coisa, que a pátria tire-os da “indigna obscuridade” por meio da galeria dos varões ilustres. É nesse sentido que uma das seções fixas da revista do IHGB, projeto estabelecido inicialmente pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, era dedicada à “Biographia dos Brasileiros Distinctos por Lettras, Armas, Virtudes, etc”, em que oferecia a narrativa da vida daqueles homens que mais se distinguiram na história do país. A seção aparece, pela primeira vez, no segundo número da Revista, em 1839, e é dedicada à vida do poeta José Basílio da Gama. Alguns dos principais biógrafos do IHGB eram, dentre os mais ativos, o próprio cônego Januário da Cunha Barbosa, Francisco Adolfo de Varnhagen, João Manuel Pereira da Silva, Joaquim Norberto de Sousa Silva, Manuel Duarte Moreira de Azevedo e Ionacio Accioli de

³⁴ *Idem*, p. 15.

³⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 42

Cerqueira e Silva. Mantendo-se ativa até 1901, a seção publicou cerca de 150 biografias.

O relato biográfico atendia, assim, a uma dupla mirada: primeiro, cumprindo a tarefa de trazer à luz a vida dos varões beneméritos que prezaram pela glória da pátria, e, segundo, pela possibilidade de, através do exercício de escrita dos seus feitos, promover a fixação da memória desses excelentes homens nos arquivos da posteridade. Como vimos, esta perspectiva foi mencionada pelos letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde o momento de formulação de seu projeto inicial de fundação. À luz das regulações enunciadas pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, para que as memórias da pátria fugissem do “injusto esquecimento em que jaziam” era fundamental que se emprestasse então um sentido de imortalidade à história, de modo que ela se tornasse um manancial permanente de valiosas experiências.

É nesse sentido que afirmamos acima que o mote organizador do Instituto para além de “colligir e metodizar os documentos históricos e geográficos interessantes à história do Brazil” é também formar a galeria dos homens ilustres, para que a história se torne fonte de exemplaridade não apenas intelectual, mas também moral. E a noção-chave para a formação do panteão brasileiro, segundo Maria da Glória de Oliveira, “será a do grande homem das Luzes, identificado por personificar a excelência do homem comum, letrado, benfeitor da humanidade e, sobretudo, dotado de virtudes excepcionais como servidor do Estado”.³⁶ A publicação das biografias desses homens pelo Instituto sugere, portanto, que eles encarnam os valores celebrados por essa elite letrada imperial incumbida de delimitar os fatos e os feitos que devem compor a história da pátria: história enquanto contínua fonte de exemplos, história enquanto arte de narrar vidas dignas de serem emuladas.

Plutarco e a galeria dos ilustres

“Na vida dos grandes homens aprende-se a conhecer as aplicações da honra, a apreciar a gloria e a affrontar os perigos”, escreve o cônego Januário da Cunha Barbosa, “o livro de Plutarco é uma excellente escola, porque offerece em todos os gêneros os

³⁶ OLIVEIRA, Maria da Glória. *Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista*. *Varia Historia*, Jun 2010, vol.26, n.43, p.283-298.

mais nobres exemplos de magnanimidade”.³⁷ A referência a Plutarco, que aparece no discurso do cônego, é um empréstimo das idéias de outro barão, agora o de Morogues. É curioso que, ao buscar aliar o conhecimento dos homens letrados do Império à tradição de autoridades antigas, o cônego quase nunca se remete aos textos que ele mesmo cita, não parecendo haver, por assim dizer, um apego erudito às fontes, pois Januário da Cunha Barbosa reproduz muitas vezes textos de outrem dentro do seu próprio texto sem qualquer destaque de citação. É, então, a partir desta referência a Plutarco que o cônego e os demais membros do IHGB vão delimitar o modelo de “escrita biográfica” a ser seguido pelos biógrafos brasileiros.

A tradução francesa do *Les vies des hommes illustres de Plutarque* (1735), por Andre Dacier – membro da Academia Real de Inscrições e Belas-Letras, Secretário perpétuo da Academia Francesa e Guarda dos livros do gabinete do Rei – traz um prefácio que recoloca a relevância do gênero histórico da *bios*. O prefácio escrito por Dacier, dedicado a Luís XV, procura legitimar o valor e a autoridade do relato biográfico na constituição das qualidades de um soberano infante que pautará as suas ações pelos modelos de vida dos excelentes homens. Dacier justifica a tradução da obra de Plutarco, em meados do século XVIII, pela possibilidade de dar ao rei francês o modelo de regras e de princípios de virtude a serem por ele emulados:

Vous y trouverez, Sire, les mêmes regles, les mêmes principes que ces Grands Rois ont suivis, et vous y verrez que dans tous les temps c’est la vertu seule qui a fait la veritable grandeur des Princes, et qui la posterité toûjours juste, ne rend hommage, ni à leurs richesses, ni à la pompe de leurs Cour, ni à l’étendue de leur Etats, ni à leurs victoires, mais à leur sagesse et à la justice avec laquelle ils ont gouverné les peuples qui leur ont été soûmis (Dacier, 1735, p. 10).³⁸

A tradução da obra de Plutarco com dedicatória a Luís XV é exemplo de uma prática comum entre as famílias aristocratas do Antigo Regime. Preparar virtuosamente os seus filhos a fim de que eles se tornassem “reis bons, fortes e eficazes”³⁹ significava educá-los a partir de modelos ético-políticos de “príncipes prudentes”. É desta forma que um gênero didático utilizado para este fim era o *espelho de príncipe*, cuja principal característica era “apresentar o elenco completo das virtudes cristãs que permitem o

³⁷ Januário da Cunha Barbosa, op., cit, p. 16.

³⁸ “Terás, Senhor, as mesmas regras, os mesmos princípios que os Grandes Reis seguiram, e verás que em todas as vezes é somente a virtude que fará a verdadeira grandeza dos Príncipes, e que a posteridade, sempre justa, não renderá homenagens nem as suas riquezas, nem à pompa da sua Corte, nem à extensão dos seus Estados, nem as suas vitórias, mas à sabedoria e à justiça com a qual governa os povos que lhe são súditos” (tradução livre).

³⁹ HANSEN, J. A. *Educando Príncipes no Espelho*. In: Floema Especial. Ano II, 2006, pp. 133-169.

bom governo”.⁴⁰ A dedicatória de Dacier é bastante representativa nesse sentido. Traduz e dedica *As vidas dos homens ilustres* a Luís XV, então com 15 anos, para que, de posse da “biografia” desses excelentes homens, o jovem soberano se tornasse o mais “ardente imitador das mais belas e virtuosas vidas”:

Plutarque présente donc ici à V. M. un miroir fidèle. Vous le consulterez, Sire, non pour satisfaire une vaine curiosité, mais pour conformer vos moeurs e vos actions à tout ce qu’il y a de plus beau, de plus louable e de plus digne d’un Roi. Par ce moyen, Sire, vous aurez toutes les grandes qualitez de ces Heros, sans avoir aucun de leurs défauts (DACIER, 1735, p. 13).⁴¹

Toda a dedicatória de Dacier é, portanto, perpassada por esta intenção de dar a Luís XV o “espelho fiel” de heróis antigos que resumisse as qualidades, “as mais belas, as mais louváveis e as mais dignas”, que o rei deveria conformar às suas próprias ações e costumes, bem como os cuidados que deveria tomar para exercer com retidão moral e virtude o seu poder.

Curiosa é a sobrevivência dessa prática simbólica do gênero histórico das biografias no Brasil Imperial. Se na tradição real francesa o gênero *espelho de príncipes* visava a estimular os futuros reis a emular os grandes homens, no gênero biográfico difundido pelos letrados imperiais do Brasil, a *vida* dos excelentes homens é destinada aos seus compatriotas; assim, a um só tempo a biografia tanto instruía sobre os fatos passados da pátria quanto fornecia os exemplos de modelos virtuosos a serem seguidos. Para os letrados do IHGB, o procedimento de narrar as vidas dos excelentes homens conduzia, portanto, a dois resultados: tirar da “indigna obscuridade os fatos memoráveis da pátria” e educar os membros da nação por meio dos exemplos virtuosos. São estas as razões pelas quais o discurso biográfico assume destacado lugar nesta “literária associação”, o IHGB.

Dacier, no prefácio que escreve para as *vidas* de Plutarco também expõe um ponto fundamental para a nossa discussão. O que, para o secretário da academia francesa, delimitará a importância das “biografias” de Plutarco, é que com a sua arte ele torna gerais as ações particulares dos grandes homens, isto é, um retrato detalhado do ilustre expondo a sua moral, as suas paixões, enfim, todas as inclinações com as quais realizou as suas ações são postas a nu em uma espécie de alegoria de valor universal

⁴⁰ *Idem*, p.134.

⁴¹ “Plutarco apresenta à Vossa Majestade um espelho fiel. Vós o consultareis, Senhor, não para satisfazer a uma vã curiosidade, mas para conformar a vossa moral e ações a tudo que há de mais belo, de mais louvável e de mais digno de um Rei. Desta forma, Senhor, teráis todas as grandes qualidades destes heróis, sem ter nenhum de seus defeitos” (tradução livre).

sobre as virtudes. O trabalho do biógrafo, portanto, consiste na técnica de extrair de cada exemplo particular a lição universal que encerra e que, ao final, construirá o núcleo da narrativa de uma vida. Segundo Dacier, à verdade da história, Plutarco une as “amenidades e os encantos” que só gêneros como a fábula poderiam fornecer. Em termos práticos, as narrativas das vidas dos grandes homens são verdades históricas animadas por regras prescritas apenas a outros gêneros letrados. Por essas *vidas* que são ao mesmo tempo história e fábula, o gênero histórico da biografia, com larga tradição vinda da autoridade de Plutarco, atualizado na França do século XVIII por Dacier, constitui-se prática pedagógica dirigida por uma espécie de utilidade deleitosa. É, portanto, esse o valor das “biografias” de Plutarco: traça o retrato dos homens ilustres através de “enunciados que apresentam em detalhes, que tem a vividez e que põe sob os olhos o que mostram”.⁴² Aqui, citamos Dacier: “Tudo é vivo em Plutarco. Não são as suas histórias que são lidas, são estes grandes homens eles mesmos que nos falam”.

E são em boa quantidade, ainda que sem paralelismo, os que tentaram adaptar ao Brasil o modelo plutarquiano de biografia, uma vez que a revista do IHGB não era o único espaço em que se exprimia a veia biográfica de nossos letrados. Outro não menos importante biógrafo oitocentista foi Sebastien Sisson. Escreve, em 1861, que “as biografias dos homens notáveis e eminentes de um país são páginas soltas do grande livro da história dele”.⁴³ Sisson, de par com a ambição de tornar o Brasil um palco por onde desfilassem homens ilustres dotados de coragem, inteligência e firmeza, também toma para si a responsabilidade de organizar essas “páginas soltas”, compilando a vida desses “homens notáveis” na sua *Galeria dos brasileiros ilustres*.

O texto em questão também nos parece um índice bastante expressivo dessa atividade recorrente entre os letrados oitocentistas: mostrar aos brasileiros os seus compatriotas mais distintos. A *Galeria dos brasileiros ilustres* era uma publicação periódica em que se narrava a história dos brasileiros destacados por seus feitos em prol da nação. Seguindo certa regularidade na construção do texto, Sisson, de maneira semelhante aos biógrafos do IHGB, inicia cada biografia fornecendo os dados mais relevantes do biografado, tais como data e lugar de nascimento, descendência, o que estudou quando jovem, a que se dedicou durante a vida, e, principalmente, as ações que fizeram com que eles se destacassem da massa de anônimos e como essas ações estavam diretamente ligadas ao crescimento e desenvolvimento da pátria.

⁴² HANSEN, J. A. *As categorias epidíticas da ekphrasis*. Revista USP. n°71, 2006 p. 1.

⁴³ SISSON, S. A. *Galeria dos brasileiros ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999.

Para Sisson, a *Galeria* era mais que uma mera compilação de biografias de nomes que gozavam de certa reputação, mas tratava-se da perpetuação da memória dos “heróis nacionais”, o que para Sisson representava uma espécie de disposição natural dos povos em consagrar a gratidão nacional àqueles que lhe prestaram excelentes serviços. No entanto, a abordagem que Sisson faz desses “heróis nacionais” consiste em uma espécie de anacronismo histórico, uma vez que as biografias que ele escreve são de homens nascidos antes do fato histórico da Independência, o que figura a impossibilidade de chamá-los “brasileiros”, porquanto fossem homens nascidos em um território que ainda estava sob a jurisdição do Império Português.

Trata-se de uma peculiaridade da obra de Sisson e dos demais biógrafos do IHGB: incorrem no anacronismo de abasileirar os homens que viviam sob a circunscrição histórica e cultural da América portuguesa, a fim de forjar uma tradição do patriotismo brasileiro, escolhendo narrar a vida dos homens ilustres que tiveram os seus feitos mais significativos no período da Independência, o que nos parece uma tentativa de instaurar o começo do Brasil: “começando então da época da Independência do Brasil, nós partimos do berço do Império, começamos a nossa marcha ao grito do Ipiranga, e contemplamos ainda vivos muitos dos ilustres cidadãos, que devem enriquecer a nossa galeria, ou sentimos ainda frescas e recentes as recordações daqueles que já desceram ao túmulo”.⁴⁴ É importante ressaltar que a *Galeria* não visava somente à satisfação patriótica dos contemporâneos, mas, para os letrados oitocentistas, é este um conhecimento que deve ser preservado para a posteridade, funcionando como uma espécie de incentivo poderoso que “convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos”.⁴⁵ Há, portanto, um apelo à posteridade, apelo de que se reconheça os nomes ilustres daqueles que prestaram importantes serviços ao Brasil no período em que se deu a Independência e que, por isso mesmo, devem figurar desde já em uma tradição das “principais figuras” que mais se tem distinguido neste “belo Império americano”:

Foi e é nossa idéia bosquejar somente, sob o ponto de vista histórico, a vida e o caráter dos homens que se têm ilustrado no belo Império americano; desenhar as principais figuras, que têm deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a Independência até os nossos dias; em uma palavra, apresentar os quadros e a história do Brasil neste período, expondo, a par dos

⁴⁴ SISSON, op. cit., p. 11.

⁴⁵ *Idem*, p. 10.

retratos, os feitos dos seus varões que mais se têm distinguido (SISSON, 1999, p. 12).

Mas não é tudo. Sob a mesma fórmula do texto biográfico dos letrados do IHGB e de Sisson existem outros tantos. Em 1847, por exemplo, João Manuel Pereira da Silva, político e romancista, dentre outras coisas, publica *O Plutarco Brasileiro*, que é revisto e ampliado em 1858 sob o título *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniais*. No prefácio de *O Plutarco Brasileiro*, João Manuel Pereira da Silva escreve:

O Plutarco Brasileiro é a historia do Brazil em algumas épochas; o autor preferiu adoptar a formula biographica, por lhe parecer que narrando a historia dos homens illutres do seu paiz conjunctamente com as dos grandes successos, que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas lhe dava à sua attenção: a novidade da obra parece-lhe motivo sufficiente para merecer a indulgencia do publico (PEREIRA DA SILVA, 1847, p. 9).

Embora os primeiros textos que adotaram a “formula biographica” eram publicados pela revista do IHGB desde 1839, Pereira da Silva chama a atenção para a “novidade” da sua obra biográfica e que, por isso mesmo, lhe parece motivo para merecer a “indulgencia do publico”. Apesar da pretensa novidade de suas biografias, Pereira da Silva também nos permite conhecer o gosto do público pelo texto biográfico como maneira eficaz de ter acesso à história da pátria via história individual.

Outra obra de semelhante fórmula é o livro *Brasileiras Celebres*, publicado em 1862, de Joaquim Norberto de Souza Silva, para quem “pode-se avaliar a civilização de um povo pela attenção, decencia, consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas”, apresentando, assim, a “galeria das senhoras brasileiras dignas da celebridade, não só pelos seus talentos e virtudes como até pelos seus feitos guerreiros e cujos vultos esboçados poeticamente tornam-se dignos de tanta honra”. É reafirmado aqui o caráter pedagógico das obras biográficas que louvam o “sexo amável e incantador que tanta honra dá ao paiz”, uma vez que, ainda no prefácio, Souza Silva sugere a leitura do seu livro nas escolas, podendo servir ainda de “mimos e premios” que se “offerecem às senhoras brasileiras”, não esquecendo, contudo, de reafirmar que o seu intento só foi levado a cabo graças ao “amor da pátria, tendo por culto a verdade e por unico livro o Brasil!”.

Na mesma esteira de produção biográfica, Joaquim Manoel de Macedo, a pedido da Comissão Superior de Exposição Nacional, escreve, em 1876, o *Anno Biophafico Brasileiro*, que era uma espécie de calendário, organizado de 1º de janeiro a 31 de

dezembro, em que se narrava a cada dia do ano a vida de um brasileiro célebre. A título de exemplo, citamos ainda o Pantheon Fluminense: esboços biographicos, de Presalindo de Lery Santos, publicado em 1880 e o Diccionario Biographico de Brasileiros Celebres nas Letras, Artes, Politica, Philantropia, Guerra, Diplomacia, Industria, Sciencias e Caridade, publicado em 1871: trata-se de uma série de 103 biografias compiladas por Manuel Francisco Dias da Silva, que, a exemplo dos demais biógrafos acima mencionados, também acreditava que os “grandes homens são a alma e o espelho de um povo”.

O apreço pela escrita biográfica tinha o seu principal espaço de circulação nos periódicos, nos jornais e nas revistas, no entanto, não demorou que o apelo à escrita de uma “história geral do Brasil” mantendo a relação com o discurso biográfico desse os seus primeiros frutos: tendo como ponto de partida também a vida e os feitos dos excelentes homens, Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, no prólogo do seu livro *História geral do Brasil*, para justificar a necessidade de se escrever uma história da pátria, escreve:

Nada excita tanto o esforço do homem para o bem como a recordação das nobres acções dos seus maiores... O zelo de suffragar a virtude dos paes é já nos filhos um princípio de virtude. Supprima-se às nações o conhecimento do seu passado e teremos a humanidade sempre no berço da infância (VARNHAGEN, 1850, p. 13).

Se a maioria de uma nação procede do testemunho das “nobres ações dos seus maiores” é fundamental, portanto, que na história de uma pátria figure somente os homens que sejam dignos de emulação, “procurando sempre escrever antes um livro útil e próprio a estimular o trabalho e a prática das boas ações, do que puramente ameno e destinado á simples distracção”.⁴⁶ A finalidade do discurso histórico para os letrados do IHGB, portanto, está clara: escreve-se um livro de história para escrever “um livro útil e próprio a estimular o trabalho e a prática das boas ações”, escreve-se história obedecendo sempre ao critério de reger o espírito público nacional. É nessa perspectiva que, no discurso histórico, *tradição e tempo presente* se fundem numa espécie de sistema de delimitação de ações, em que a moralidade, os valores e o trabalho desses “varões beneméritos” terão a função de circunscrever e nortear as ações de seus herdeiros, dando, assim, uma dimensão ética e moralizante à história em sua relação com o discurso biográfico.

⁴⁶ *Idem*, p.17.

CAPÍTULO 2 – TAUNAY E A MEMÓRIA DOS ILUSTRES

*All biographies like all autobiographies like all narratives tell
one story in place of another.*

Hélène Cixous, *Rootprints*

Ao levar em consideração que as obras biográficas despertam enorme curiosidade e até certo fascínio, é natural que o gênero tenha se tornado um ponto de interesse comum entre diferentes áreas. Uma preocupação comum, por exemplo, entre historiadores, ao longo do século XX, era sobre a legitimidade ou não do uso das biografias para pensar as práticas e o funcionamento de regras sociais específicas de uma dada coletividade. Mas não é sempre que o debate sobre a legitimidade dos usos da biografia para pesquisas historiográficas se dá sem alguma tensão. À medida que estas pesquisas foram se tornando cada vez mais complexas e sofisticadas, a biografia se manteve como algo relativamente simples, dados os limites claros que a vida individual representa para a formulação de uma história política e social.

Talvez seja interessante considerar um primeiro aspecto metodológico a ser pensado quando dos usos da biografia. É possível, por exemplo, ter acesso aos hábitos e aos pensamentos da vida cotidiana de um outro indivíduo? Sem esquecer ainda as dúvidas, as incertezas, o caráter fragmentário e o dinamismo de uma individualidade em formação. É neste sentido que esses seriam, *grosso modo*, alguns dos problemas que apontariam para a indeterminação dos usos salutaros ou não da biografia. Pierre Bourdieu nos fala em “ilusão biográfica”,⁴⁷ considerando problemática a visão segundo a qual “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’, subjetiva e objetiva, de um projeto”.⁴⁸ As “histórias de vida”, portanto, procuram organizar em sequências ordenadas, tornando razoável e coerente a sucessão de eventos que por si só não oferecem a coerência esperada de uma narrativa sobre a vida. Há que se pensar nas conexões, nas seleções de acontecimentos *significativos*, nas interpretações e na disposição encadeada desses eventos, que obedecem a uma “intenção global”.⁴⁹ O que se aplica também ao discurso autobiográfico, na medida em que é impossível narrar a

⁴⁷ BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

⁴⁸ *Idem*, p. 184.

⁴⁹ *Id. ibid.*

vida em toda a sua minúcia, há que se pensar que o memorialista parte sempre de uma seleção arbitrária de eventos a serem expostos.

É tarefa tanto do biógrafo quanto do autobiógrafo, portanto, dar sentido, extrair uma lógica, constância e consistência, estabelecendo as relações de causa e efeito eficientes em um discurso que pressupõe uma interpretação teleológica da vida, isto é, a vida como uma sucessão totalizante de acontecimentos que seguem etapas distintas em direção a um fim. E o leitor é parte fundamental dessa empreitada, na medida em que espera do biógrafo ou do memorialista, aceitando de bom grado essa “criação artificial de sentido”,⁵⁰ uma vez que produzir uma história de vida ou “tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”.⁵¹

No entanto, não pretendemos, aqui, retomar o longo debate sobre a fecundidade ou não dos usos da biografia para as ciências sociais ou para a historiografia, nos interessa mais pensar regras e práticas constitutivas dos gêneros biográfico e autobiográfico, bem como o seu lugar e os seus efeitos particulares para os homens de letras do Brasil durante o século XIX.

É desta forma que propomos a leitura do gênero biográfico a partir de procedimentos e práticas de composição, em outros termos, pensar a biografia oitocentista como uma prática letrada cujas convenções são retoricamente regradas. Como vimos noutro momento deste trabalho, as biografias largamente veiculadas durante o século XIX atendiam a um tom didático, renunciando, muita vez, à veracidade, e buscando, por outro lado, acrescentar eventos, feitos, atitudes e paixões ao conteúdo das biografias a fim de produzir o efeito moralizante das “vidas exemplares” com as quais se ergueriam a altos patamares os “heróis nacionais” dignos de serem lembrados. Argumentos como complexidade de identidade, formação não-linear de uma existência e contradições que marcam a constituição de uma esfera individual de ação não entram na historicidade da prática biográfica tal qual aquela empreendida pelos letrados dos Oitocentos. O que significa que, para compreender as especificidades deste gênero, pressupõe-se o conhecimento de alguns preceitos que o regravam, ou, pelo menos, como foram atualizados de uma tradição que chega ao XIX já mais modificada.

⁵⁰ *Idem*, p.185.

⁵¹ *Id*, *ibid*.

Para tanto, partiremos, neste estudo, da leitura de manuais de retórica e poética que tiveram ampla circulação no Brasil oitocentista e, sobretudo, aqueles ensinados no Colégio Imperial Pedro II, onde Taunay se formou em belas-letas. Da mesma forma serão objeto de análise as biografias escritas pelo Visconde, a fim de cotejarmos, ao final, o uso dos preceitos tanto no gênero biográfico quanto no (auto)biográfico.

Ao contrário de interpretações contemporâneas em que o *Memórias* é lido como um “livro escrito contra a sua época, como um protesto saboroso e divertido de um homem que soube viver bem a vida”;⁵² ou ainda o Taunay do *Memórias* como um “outro escritor, de juventude e atualidade insuspeitadas”, que revelou em sua autobiografia, “sem constrangimento, as suas fraquezas, fiascos e frustrações”, observando “o seu ser em formação como os seus pais o observavam: com carinho e tolerância”,⁵³ buscaremos propor aqui a leitura da autobiografia de Taunay como uma obra cuja sedimentação se dá a partir da atualização de elementos muito convencionais do gênero biográfico, ou do “gênero encomiástico *vida*”⁵⁴ na construção da autoimagem de um herói nacional, de um “illustre brasileiro” cujo nome deve ser legado à posteridade para o reconhecimento de seus feitos de armas e letras. Faz-se necessário, então, entender como estes elementos são articulados nas biografias, sobretudo naquelas escritas pelo próprio Visconde, para em seguida pensar como esses elementos reverberam no *Memórias*.

A retórica oitocentista

Este estudo parte da hipótese de que o livro de memórias do Visconde de Taunay se situa em um momento de passagem entre uma tradição retórica do gênero histórico das “vidas” e uma formulação “moderna” e “romântica” da autobiografia. Dito por outra forma, o *Memórias*, a despeito de sua pretensa “modernidade”, parece atualizar tópicos muito convencionais do gênero biográfico das vidas ilustres, cuja principal característica é a utilização de lugares-comuns aplicados para formulação de uma *vida* heroica. Isto posto, propomos ao leitor percorrer alguns manuais de eloquência em voga no século XIX, sobretudo aqueles que faziam parte dos currículos

⁵² MEDEIROS, Sérgio. Prefácio. In: TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

⁵³ AVILA, Myriam. Prefácio. In: TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

⁵⁴ HANSEN, J. A.. *A Sátira e o Engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII.I. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

do Imperial Colégio Pedro II, onde parte significativa dos letrados oitocentistas estudou, inclusive o próprio Taunay, procurando perceber a linha tênue que une as prescrições retóricas dos compêndios que circulavam no período à escrita biográfica de homens ilustres. Ao propor que a análise do livro de memórias do Visconde é feita aqui a partir de sua relação de semelhança com as biografias, propondo que há ainda resquícios de um domínio retórico-poético na formulação de sua autoimagem, é interessante expor, ainda que brevemente, os caminhos e descaminhos assumidos pela retórica no Brasil oitocentista.

Fundamentalmente utilizados nas escolas e pautando-se em noções fundamentais de poéticas clássicas como tropos, figuras, ornatos, verossimilhança, decoro, estilos, gêneros etc., os manuais e compêndios de retórica e poética serão a principal fonte de permanência dessas duas disciplinas durante o século XIX. Para além de tentar demonstrar a aplicação prática de alguns desses elementos no discurso biográfico e autobiográfico, o que procuraremos demonstrar, aqui, é também a permanência de um sistema normativo que orienta a produção letrada ainda durante o século XIX, em detrimento da concepção de “romantismo” como ruptura das letras brasileiras com poéticas prescritivas que o antecederam. É certo que há, no próprio ideal romântico de criação, o apelo a uma subjetividade dotada de liberdade criativa, a uma individualidade que não deve ter “propriamente nenhuma norma, mas que deve dá-la a si mesmo”,⁵⁵ o que não significa dizer, contudo, que haja já um rompimento definitivo com estruturas de longa duração, como o é a instituição retórica. Se por um lado não há uma ruptura absoluta, por outro, é importante pensar em que medida e como os letrados do século XIX no Brasil herdaram e atualizam os elementos dessa tradição.

A importância do papel desempenhado pela arte retórica na formação desses homens de letras fica evidente no número de manuais e compêndios de retórica e poética que circulam durante o século XIX, alguns contando com várias tiragens e diferentes edições, como é o caso de Manoel da Costa Honorato, que, em 1879, publica já a 4ª edição de seu *Compendio de Rethorica e Poética*, o que evidencia a sua popularidade e algum interesse do público leitor em conhecer as regras da eloquência.

No Imperial Colégio Pedro II, por exemplo, a cadeira de retórica e poética era frequentemente assumida por um lente que fosse necessariamente habilitado a ensinar as prescrições dos compêndios, exigindo dos alunos a posterior fixação de suas

⁵⁵ GOETHE, J. W. *Escritos sobre literatura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 19.

definições. Não é por acaso que “fundado em 1837 com a aura de ostentar o nome do próprio imperador, o Colégio Pedro II teve em seu corpo docente os mais destacados intelectuais do país”.⁵⁶ Roberto Acízelo de Souza esclarece, a partir da análise dos programas curriculares do Colégio Pedro II, que o destaque dado à cadeira de retórica e poética nesta instituição é significativa para pensar o alcance dessas duas disciplinas, lembrando ainda que o título que se concedia aos alunos formados no Imperial Colégio Pedro II era o de bacharel em belas-letas.

A título de exemplo podemos citar alguns dos nomes de importantes preceptistas brasileiros que tiveram os seus compêndios e manuais de retórica e poética circulando durante o século XIX, como é o caso de José Maria Velho da Silva, Manoel da Costa Honorato, Luís José Junqueira Freire, Joaquim do Amor Divino Caneca, Miguel do Sacramento Lopes Gama e Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. Por dificuldade de acesso à maioria desses compêndios, nenhum deles reeditados durante o século XX, contando com raros exemplares dispersos entre a biblioteca-museu do Colégio Pedro II, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca do IHGB, optamos por trabalhar apenas com uma pequena amostragem, que serão, basicamente, o *Compendio de Rhetorica e Poetica* do cônego Manoel da Costa Honorato, as *Lições Elementares de Eloquencia Nacional*, de Francisco Freire de Carvalho; e o *Compendio Rethorico ou Arte Completa de Rethorica*, de Bento Rodrigo Pereira de Soto-Maior e Menezes.

O *Compendio de Rethorica e Poetica*,⁵⁷ de Manoel da Costa Honorato, obra adaptada ao programa do Imperial Colégio Pedro II, é das fontes mais importantes para a análise que apresentaremos mais adiante neste trabalho. Proeminência devida ao caráter mais “informativo e sistemático”⁵⁸ da sua obra, conforme diz Antonio Candido a respeito do compêndio e de suas virtudes didáticas. Costa Honorato, cônego, advogado, capelão militar na guerra do Paraguai e lente à frente da cadeira de retórica, poética e literatura nacional do Imperial Colégio Pedro II, elaborou algumas reedições do seu compêndio, que de início se chamava *Synopse de Eloquencia, Poetica e Critica Litteraria*, sendo que a 4ª edição, que leva o nome de *Compendio de Rethorica e Poetica*, a mais completa, ou “consideravelmente aumentada e adaptada ao programma

⁵⁶ SOUZA, Roberto Acízelo de. O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ: 1999, p. 31.

⁵⁷ HONORATO, Manoel da Costa. *Compendio de rethorica e poetica. 4ª Ed. consideravelmente aumentada. Adaptado ao programma do Imperial Collegio Pedro II.* Rio de Janeiro: Typographia Cosmopolita, 1879.

⁵⁸ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 4ªed. São Paulo: Martins, 1964. p. 347.

do Imperial Collegio Pedro II”, é a de que dispomos. Vale salientar que o compêndio de Costa Honorato é elaborado a partir de prescrições das mais convencionais, cujo fim, segundo o próprio cônego, é “em favor da instrucção à mocidade brasileira”, sendo tarefa do professor “exercitar seos alumnos na arte da palavra e corregir seos defeitos”, sem esquecer de iniciá-los na leitura dos autores “em cujas aureas taças beber a sciencia” devem.

O compêndio *Lições Elementares de Eloquencia Nacional para uso da mocidade de ambos os hemispherios que fala o idioma portuguez*,⁵⁹ por Francisco Freire de Carvalho, professor da Universidade de Coimbra, foi também adotado pelos currículos do Imperial Colégio Pedro II. Publicado pela primeira vez em 1834 e contando com quatro reimpressões, trata-se de um manual retórico, que, com o seu equivalente *Lições Elementares de Poética Nacional*, alcançou grande visibilidade durante o século XIX, sendo largamente influenciado, ou antes, uma má imitação⁶⁰ das *Lições de Retórica e Belas Letras*,⁶¹ de Hugh Blair. Neste compêndio, Freire de Carvalho expõe em seu manual os preceitos de composição dos mais variados gêneros, cujo fim é também, segundo o próprio preceptista, “instruir a mocidade neste ramo de litteratura amena”.

Quanto ao *Compendio rethorico ou arte completa de rethorica com methodo facil para toda a pessoa curioza sem frequentar as aulas saber a arte da eloquencia*⁶², de Bento Rodrigo Pereira de Soto-Maior Menezes, fidalgo da Casa Real de Portugal, publicado em outubro de 1794, também nos interessa aqui na medida em que foi elaborado de maneira muito semelhante àquela dos compêndios já mencionados, recorrendo, por assim dizer, ao mesmo didatismo simplificador dos retores oitocentistas.

Como podemos perceber, eram em sua maioria professores ou eclesiásticos aqueles que se dedicavam à escrita de compêndios e manuais de retórica e poética, a fim de cultivarem na “mocidade brasileira” o gosto pela arte da eloquência, uma vez que, bem formados nas regras e prescrições previstas pela tradição, atenderiam à demanda nacional de formação de gente culta, que estivesse a par das regras de bem falar e bem

⁵⁹CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições Elementares de Eloquência Nacional para uso da mocidade de ambos os hemispherios, que falla o idioma portuguez*. Lisboa: Typographia Rollandian, 1856.

⁶⁰CANDIDO, op. cit., p. 346.

⁶¹BLAIR, Hugh. *Leçons de rhétorique et de belles-lettres*. Paris: Chez Gide Libraire, place St. Sulpice, 1797.

⁶²MENEZES, Bento Rodrigo Pereira de Soto-Maior. *Compendio Rhetorico ou arte completa de rethorica com methodo facil, para toda a pessoa curioza, sem frequentar as aulas saber a arte da eloquencia: toda composta das mais sabias doutrinas dos melhores autores, que escreverão desta importante sciencia de falar bem*. Lisboa: Na of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1794.

apreciar as práticas letradas em voga no século XIX, oferecendo, assim, ao “neófito e ao amador o mínimo de formação artesanal indispensável à prática e à apreciação das obras literárias”.⁶³ Talvez seja interessante lembrar, com Heinrich Lausberg, que a retórica pode ser pensada a partir de dois sentidos diferentes. A “retórica em sentido lato”, que seria “a arte do discurso em geral”, ou seja, a capacidade de produzir discursos convincentes, praticada por qualquer indivíduo participante de uma dada sociedade; e, “em sentido restrito”, aquilo que Lausberg chamará de “retórica escolar”, que é “um sistema mais ou menos bem elaborado de formas de pensamento e de linguagem, as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende”.⁶⁴ É, portanto, no “sentido restrito” de retórica, como técnica de persuasão ensinada nas escolas a partir de compêndios e manuais, que o termo aparecerá frequentemente neste trabalho. A despeito do que pode sugerir uma espécie de negligência com que foi tratada nas “histórias da literatura brasileira”, é importante salientar que a retórica chega ao século XIX brasileiro ainda com bastante fôlego, e, ocupando uma posição privilegiada nos currículos escolares, participa ativamente da formação intelectual de nossos homens de letras oitocentistas.

Os heróis nacionais sob a pena do Visconde

Por ocasião de um discurso proferido no dia 25 de julho de 1880 de saudação ao compositor brasileiro Carlos Gomes, no Congresso Militar do Rio de Janeiro, em uma sessão solene promovida por aquela associação, o Visconde de Taunay faz a seguinte afirmação:

Senhores, esse mesmo centro [Rio de Janeiro] recebe a influência de fora, recebe-a de um estímulo que (...) atua sobre todos os povos civilizados da terra: a glorificação dos grandes homens que eles contam em sua história. Dia virá em que nessa fecunda ideia (...) nesse empenho de imenso alcance, que se apresenta radiante aos vossos olhos, (...) sublimaremos com honras e louvores quantos gênios tem feito progredir a humanidade e com amor a tem guiado, concorrendo todos eles por suas virtudes, infortúnios, tenacidade, dedicação e grandeza moral, para a soma de felicidades que hoje em dia já rodeia a cada um de nós no convívio universal (TAUNAY, 1930, p.7).

⁶³ CANDIDO, op. cit., p. 344.

⁶⁴ LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.75.

Taunay, para quem a “glorificação dos grandes homens” é uma mostra da civilidade de um povo, ao longo de sua vida trabalhou como um “incansável paladino da glória”⁶⁵ dos excelentes homens que o Brasil conta em sua história. O mais curioso da passagem acima transcrita é que o Visconde parece anunciar, na saudação feita a Carlos Gomes, aquilo que mais tarde, na escrita do seu livro de memórias, ele reivindicará para si mesmo: o reconhecimento e a gratidão da nação que ele ajudou a construir e guiar com as suas “virtudes, infortúnios, tenacidade, dedicação e grandeza moral”. A “glorificação dos grandes homens” é um dever dos “povos civilizados da terra”: há aí o esforço de ensinar à jovem nação brasileira a aclamar os “gênios” que, em toda parte, seriam considerados dignos de apreço e veneração pelos serviços que prestaram ou prestam à nação. Para tanto, é preciso fazer nascer “um estremecimento de amor e entusiasmo da nação brasileira”, quando chegar a ocasião de demonstrar “gratidão a cidadãos que souberam servi-la e engrandecê-la”.

Como defensor obstinado da glória dos grandes homens, Taunay se empenhou em trazer ao público aqueles que possuíam mérito suficiente para figurarem na galeria dos varões ilustres da pátria. Segundo o próprio Taunay, essa insistente reivindicação de glória a quem tem direito visa a nutrir a reputação daqueles que, por ignorância do grande público, não tiveram o seu valor reconhecido. Em alguns escritos seus sobre o padre e músico José Maurício, por exemplo, Taunay faz menção a um texto de Araújo Porto Alegre – o Barão de Santo Ângelo – sobre o mesmo compositor, e ao citar o Barão, Taunay chama a atenção para o seguinte trecho:

O que faltou a José Maurício foi uma pátria ilustrada, um desses harmônicos locais da bela Itália, para se incorporar à corte dos engenhos que mais tem ilustrado a humanidade com suas produções. (...) A musa de José Maurício, nascida no templo, e embalada nas ondas perfumadas dos turíbulos, era uma vestal que se havia educado à luz das lâmpadas e que só conhecia a nave solitária, o aroma do incenso, a poesia dos salmos e as lágrimas de Jeremias (TAUNAY, op. cit., p. 11).

Taunay, empenhado na mesma tarefa dos letrados contemporâneos seus, formula a biografia tanto de Carlos Gomes quanto a do padre José Maurício com vistas a distribuir pela história do Brasil os nomes dos seus melhores filhos, para que a pátria que os gerou pudesse se responsabilizar também pela consagração de sua glória. Foi, portanto, o indiferentismo de seus compatriotas o que uniu esses dois “artistas

⁶⁵ *Idem*, p. 5.

máximos”, cujas “almas educadíssimas, nobres e elevadas” não deviam permanecer nas “sombras que tão injusta e dolorosamente os iam envolvendo”. Em um discurso seu, pronunciado no Senado Imperial, Taunay propôs, num apelo ao Imperador e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que o Estado realizasse a impressão da obra de José Maurício. Para tanto, o Visconde lança mão do argumento segundo o qual é preciso que o “governo se mostre digno de ser compatriota desse grande brasileiro”, recorrendo ao que há de mais civilizado nos homens de Estado, àqueles que têm em alta estima as belas artes, para que façam justiça plena “ao genial padre José Maurício, que nasceu nesta terra, nunca daqui se apartou, tanto por ela trabalhou e tanto a engrandeceu”.⁶⁶ A força do argumento do Visconde está em definir os seus companheiros de parlamento como “homens civilizados” e que, por isso mesmo, não deviam permitir que a memória dos grandes homens esbarrasse no “indiferentismo e pouco caso” da nação. Aqui Taunay assume a mesma tópica veiculada pelos letrados do IHGB de que é preciso retirar do esquecimento e da “indigna obscuridade em que jaziam” os honrados varões beneméritos da pátria:

Um brasileiro que conseguiu na opressora obscuridade em que havia nascido e em que vivia, tamanho renome, este brasileiro tem de ficar sempre desprezado? Esta glória já feita, já nossa, tem de ser completamente desaproveitada para vergonha do país? Pergunto ao senado se, porventura, o Brasil possui tantos homens eminentes e está tão farto de nomes gloriosos, para deixar de lado com o maior descuido, com o maior desprezimento, mestre tão notável, cujas obras divulgadas na Europa, sem dúvida alguma, darão glória e estima ao nome da terra pátria? Ah! senhores, política parece grande cousa; mas cumpre sempre termos em lembrança que nesse irremediável naufrágio em que todos se afundam e em que havemos de perecer, sobrenadam tão somente os nomes dos poetas, dos pintores, dos músicos, daqueles que amaram e estremeceram o Belo, o Ideal, o Bem e foram de seus intérpretes para benefício e consolo da humanidade. É justo que pela absorção política, a matar e a estragar nobilíssimos estímulos da nação, se percam e se mutilem obras que representam verdadeira inspiração e devem constituir para o Brasil causa de legítima ufania? (Taunay, 1930, p. 15).

Essa citação merece ser desdobrada por diversos motivos, sobretudo por ser representativa da importância dada por Taunay ao culto da memória dos homens ilustres, por acreditar que serão “os nomes dos poetas, dos pintores e dos músicos” que darão “glória e estima ao nome da terra pátria”. Aqui percebemos a estreita ligação entre o que diz o Visconde e o pensamento dominante dos letrados contemporâneos a ele, sobretudo os sócios do IHGB, para quem a inserção do Brasil no rol das nações

⁶⁶ *Idem, ibidem.*

civilizadas por meio da constituição de uma galeria de homens eminentes estava entre as tarefas mais prementes a serem empreendidas. É nesse sentido que é notável o empenho de Taunay em alimentar a galeria dos brasileiros dignos de figurarem na história do país, ajudando a forjar, por assim dizer, uma tradição de homens que prestaram serviços à pátria.

E o Visconde, ao longo da sua carreira, como “um verdadeiro e entusiástico cultor da arte”,⁶⁷ ora usa a sua pena de escritor ora o seu elaborado discurso político nas tribunas do Senado Imperial para impedir o desaparecimento da memória desses homens “que devem constituir para o Brasil causa de legítima ufania”. Além dos músicos José Maurício e Carlos Gomes, Taunay também biografou inúmeros “brazileiros illustres”, como o Visconde do Rio Branco, Pedro II, o almirante Augusto Manuel Leverger, o barão de Melgaço, não esquecendo ainda dos seus elogios históricos, como aquele que faz ao Duque de Caxias quando de seu primeiro discurso como orador oficial do IHGB, em que não deixa de afirmar que “a essas almas tão rijamente temperadas, a esses homens tão illustres, devemos, pois, duplo reconhecimento, porque a um só tempo temos que pagar avultada dívida de gratidão, já como brasileiros, já como homens militantes na política”.⁶⁸

Mesmo em seu livro de memórias, na medida em que vai narrando os eventos de sua vida e as pessoas que por ela passaram, Taunay não se descuida de traçar ainda que rapidamente o retrato de alguns companheiros seus, sob pretexto de lhes fazer uma derradeira homenagem, destina, desta forma, no seu livro de memórias, um pequeno capítulo dedicado apenas a curtas biografias de companheiros seus quando de sua expedição ao Mato Grosso. É nesse sentido que a escrita biográfica dos brasileiros ilustres, seja na música, seja nas letras, ou ainda na carreira militar ou política, fez sempre parte do trabalho do Visconde enquanto homem dedicado ao engrandecimento da pátria, sendo possível compreender a importância conferida por ele ao reconhecimento dessas “inteligências culminantes”, que dando mostras de seu caráter singular e servindo de “luminosos marcos” ajudaram a guiar os primeiros passos de uma “existência nacional”, devendo, portanto, figurar na história do Brasil.

⁶⁷ *Idem*, p. 14.

⁶⁸ Cf. Discurso do Orador o Sr. Senador Alfredo d’Escragnolle Taunay. RIHGB, T.56, 1887, p. 419.

Taunay Biógrafo

Como visto ao longo deste trabalho, a nossa pretensão, aqui, é demonstrar como o livro de memórias do Visconde de Taunay parte de elementos muito semelhantes àqueles utilizados para a escrita de biografias de “homens ilustres”, largamente utilizados pelos letrados do IHGB, bem como pelo próprio Taunay na feitura das biografias que escreve de seus contemporâneos. Faz-se necessário, então, apontar o que permanece da estrutura do discurso biográfico na configuração do *Memórias*, a fim de demonstrarmos como a obra autobiográfica do Visconde atende a uma série de determinações da tradição letrada de composição de “vidas ilustres”. Em um primeiro momento, portanto, a intenção é investigar alguns dos elementos constitutivos do gênero biográfico, retomando, para tanto, os compêndios de retórica acima mencionados, para em seguida entender o que subsiste dele na produção discursiva autobiográfica de Taunay.

A série de biografias escritas pelo Visconde foi, em grande parte, publicada nas Revistas do IHGB e na Revista da Academia Brasileira de Letras, bem como algumas delas foram compiladas por seu filho, Affonso de Taunay, e publicadas já nos primeiros anos do século XX. Vindas a público, ali, parte significativa das biografias escritas pelo Visconde, a compilação *Servidores Ilustres do Brasil*,⁶⁹ que conta com uma série de 24 biografias, é *corpus* fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, por ser excelente amostragem do gênero biográfico praticado por Taunay. Biografias como as do Marquês de Olinda, do Visconde de Beaurepaire Rohan, Franklin Távora, Domingos Faustino Sarmiento e André Rebouças, dentre outros importantes nomes, são alguns exemplos dessas biografias. Vale ressaltar que algumas, a exemplo daquelas escritas sobre a vida do padre José Maurício, Carlos Gomes, André Rebouças e Franklin Távora, foram pronunciadas como elogios fúnebres nas sessões magnas de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A título de exemplo, mencionamos a *vida*⁷⁰ de Pedro de Araujo Lima, o Marquês de Olinda, pronunciada na sessão aniversária do IHGB a 15 de dezembro de 1870. Neste discurso, ainda no início, Taunay aplica o *topos* da modéstia afetada, que é uma prescrição da tradição retórica cujo fim é granjear a benevolência do auditório pelo

⁶⁹ TAUNAY, Visconde de. *Servidores Ilustres do Brasil*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1930.

⁷⁰ *Idem*, p.5.

ar de modéstia e probidade com que o orador irá apresentar-se, “pois a modéstia realça o valor natural dos talentos e virtudes e comunica certo caráter de candura, que produz o fim desejado”,⁷¹ ao que observamos ainda no início do discurso pronunciado por Taunay:

Cabal e perfeita justificação tem, pois, os olhares de surpresa que, de todos os pontos desta augusta sala, sobre mim se fixam. Fora como se, de súbito, valente coluna se abatesse, para que o edifício, com toda a grandeza de sua massa, descansasse sobre flexível e débil esteio. Eis a origem de meu esmorecimento ao erguer-me, ousadamente, e fazer a minha voz encher a amplidão destes espaços, afeitos a outros ecos, eis a causa de meu abatimento, pois trago na execução da audácia o sentimento da fraqueza. E se, dela compenetrado, não fugi à incumbência arriscada foi porque aquele mesmo orador consumado, aquele vulto tão grande de nossas letras dignou-se indicar-me para substituí-lo nesta grave ocasião (Taunay, 1930, p. 6).

Mais adiante, a referência ao monarca, que não chega a ser uma *dedicatória*, segundo a aplicação de preceitos comumente utilizados nas práticas letradas do Antigo Regime, mas que se aproxima dela na medida em que o orador em questão, Taunay, afeta a sua limitação diante da tarefa proposta, rogando ao monarca que faça uso da sua bondade para que lhe perdoe o mau exercício da função a que está prestes a iniciar, é ainda afetação da modéstia, é já encômio à figura do monarca ali presente:

Senhor! A Vossa Majestade Imperial peço, neste instante, o exercício de um dos predicados mais necessários aos poderosos da terra e de que Vossa Majestade a cada passo dá provas irrefreáveis; a longanimidade. Della certo, tenho por sem dúvida que a coragem renascerá em mim para poder desempenhar o papel que, emprestada e impropriamente represento nesta imponente cerimônia (Taunay, 1930, p. 7).

O exórdio, que, neste caso específico, antecede a escrita da vida do ilustre a ser homenageado, é definido por Manoel da Costa Honorato, em seu *Compendio de Rethorica e Poetica*, como a parte do discurso na qual o orador dispõe o seu auditório a ouvi-lo favoravelmente. Atualizando autoridades como Cícero e Quintiliano, o cônego Manoel da Costa Honorato aponta para o exórdio do discurso como o espaço que o orador deve utilizar para atrair a atenção do auditório, ao apresentar a matéria do discurso como importante, nova e grave, aplicando, portanto, a espécie de exórdio *pomposo ou magnífico* em que o orador expõe o seu assunto com todo “esplendor e

⁷¹ HONORATO, op. cit., p. 37.

grandeza da eloquencia”, devendo ser o assunto “grande, imperioso e heroico”, e pretender o orador, desde o princípio do discurso, dar uma alta ideia de sua importância. Raras vezes deve ser empregado esse exórdio, segundo o cônego, “somente quando os circunstantes esperam ouvir um orador celebre tratar de assunto brilhante, bem como em um discurso acadêmico ou oração fúnebre de algum nobre personagem”.⁷²

Assim prossegue Taunay ainda nos proêmios, apresentando, de maneira grave, a matéria do seu discurso:

Senhores! Há vozes que evocam os mortos! Ressoam nos mundos do Alem e imperiosas, chamam à cena da vida, personagens sobre quem já caíra a lapide não levadiça da tumba. Dá-lhes o talento carnes, cores e movimentos, e os faz atuar e falar. Para eles restabelece a sociedade em que se agitaram, e enleando a atenção dos vivos, como que mistura o presente com o passado, para desenrolar os fatos característicos daquelas existências (Taunay, 1930, p. 7).

Ou, ainda, como o faz na biografia de Franklin Távora, em um discurso proferido na sessão magna aniversária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 15 de dezembro de 1888, como orador oficial do Instituto:

E quando de todo cahiu a noite e só as luzes destes candelabros illuminavam a sala, como que desciamos os degrãos de funérea crypta para irmos, guiados por inspirado vate, render o último preito àquelles dos nossos amigos que se haviam abrigado á paz e ao silencio da morte. Possa a recordação desse bello effeito oratório inspirar-me para, no momento presente, falar-vos de modo compativel com a grandeza e severidade do assumpto que me é commettido e com a lealdade de sentimentos que delle emanam, puros e desinteressados (Taunay, 1930, p. 40).

Depois de seguir de muito perto as partes previstas para a composição de um discurso que atende às regras da eloquência acadêmica, conforme podemos ver nos compêndios de retórica, utilizada apenas “pelos cultores das letras” nos discursos de “cumprimentos, felicitações, agradecimentos ou de condolencia, dirigidos a um principe ou a um magistrado, em ocasião solemne, ou no seio das associações científicas sobre os assumptos de seo programa”,⁷³ começa Taunay, então, a narrativa sobre a *vida* de Pedro de Araujo Lima, o Marquês de Olinda. Em toda a biografia ocupa-se dos eventos mais “significativos”, segundo a seleção desses eventos pelo próprio Taunay, seguindo, assim, as recomendações dos manuais de retórica quando dizem que a biografia “é a historia particular da vida de um homem”, em que o escritor deve somente ocupar-se

⁷² HONORATO, op. cit., p. 37.

⁷³ HONORATO, op. cit., p. 139.

dos eventos que “tenham relação com o seu personagem”, referindo-se apenas aos acontecimentos “públicos em que elle tenha figurado, devendo apresentar um quadro completo dos caracteres, das virtudes, dos vícios, dos talentos, dos defeitos e das acções meritorias, sem jamais estigmatiza-lo nem louva-lo directamente”.⁷⁴

É preciso chamar a atenção, aqui, para a sutileza dos limites entre o gênero biográfico publicado em revistas e compilações e os gêneros oratórios praticados nos púlpitos, e de como eles seguem regras que se permutam, transformando o gênero biográfico praticado pelos letrados oitocentistas em um gênero de caráter indefinido, na medida em que comporta em si regras de composição de gêneros diversos, que, ainda que apropriados de uma tradição letrada, não atendem ao rigor das prescritivas, mas se articulam como coisas passíveis de serem postas em uma mesma composição.

Seguimos, então, ainda com a escrita da *vida* de Pedro de Araujo Lima, pronunciada por Taunay em sessão solene do IHGB. O Visconde passa a narrar a vida do Marquês de Olinda atendendo às determinações de composição não apenas da *biografia*, mas também das *orações fúnebres*, dos *retratos*, dos *elogios* e dos *panegíricos*. Do gênero *biográfico*, retém as prescrições segundo as quais, em uma biografia, o biógrafo deve escolher apenas os eventos públicos do biografado, a fim de expor as ações que fizeram dele um homem digno de ter a sua vida exposta para exemplo e boa apreciação da posteridade; de onde podemos deduzir que a vida íntima e as minúcias do cotidiano, portanto, não devem entrar no relato de uma vida.

Das *orações fúnebres*, que são discursos pronunciados nas exéquias de uma pessoa ilustre, escolhe narrar a vida do celebrado pelo nascimento, pelas virtudes, a sua posição, as suas ações, com o fim de excitar os seus ouvintes a imitá-las, exaltando-as no seu personagem. Manoel da Costa Honorato define assim este tipo de discurso: “o texto de uma oração funebre deve parecer um elogio resumido do heróe, e deixar antever toda sua vida e seu caracter”.⁷⁵ E em uma referência a Tucídides, o preceptista em questão explora aquilo que seria os equivalentes da oração fúnebre na antiguidade, que seriam os *discursos mortuarios* ou os *epithaphios logos*, gêneros modificados ao longo do tempo pela releitura cristã da tradição, uma vez que “o dogma da immortalidade d’alma e das recompensas depois da morte têm feito destes elogios uma era absolutamente nova, de que na antiguidade pagã não podia haver notícia alguma”.⁷⁶

⁷⁴ *Idem*, p.149.

⁷⁵ *Idem*, p. 125.

⁷⁶ *Id*, *ibid*.

O *elogio*, que é uma composição destinada a fazer amar ou admirar o personagem de quem o escritor se ocupa, é, prescreve o cônego, um “retrato delicado, no qual o escriptor insiste nas boas qualidades do seu personagem, sem contudo ser obrigado a denunciar as reprovadas”.⁷⁷ Taunay também segue aqui estes procedimentos de composição na biografia do Marquês de Olinda e assim pinta o objeto do seu encômio:

Sómente o facto hoje já não muito commum de ter vivido Araujo Lima no tempo em que se deu o movimento augusto, transformador do Brasil colonia em Imperio livre, bastaria para lhe rodear o nome do prestígio que à feição de aureola santa, cerca a fronte dos patriachas de nossa independencia. Cresce-lhe porem, de ponto a veneração devida, quando o vemos não simples espectador ou aderente enthusiastico, mas sim um dos organizadores do novo estado social e politico, um dos indefessos trabalhadores para bem firmar o que ainda vacillava e assentar com acerto tudo quanto carecia de apoio (Taunay, 1930, p. 10).

Segue o Visconde a série de elogios ao seu biografado, deixando entrever elementos agora do gênero *retrato*, definido nos compêndios de retórica como o gênero que se dedica à “pintura moral das disposições ou das paixões dominantes de um individuo”, devendo ser fiel e interessante, “porque o escritor, semelhante ao pintor, deve traçar os signaes distinctivos do seu personagem de tal sorte que se comprehenda logo o seu caracter dominante”.⁷⁸ Para “pintar as disposições morais” do seu biografado, Taunay formula o seguinte retrato moral:

O predicamento a que Pedro de Araujo Lima chegara era capaz de satisfazer a mais alta ambição, mas como em todas as posições alterosas, milhares de espinhos faziam-lhe sentir que a tranquilidade do corpo e de alma não se encontra junto aos fôcos de luz, porém sim nessa claridade semi-frouxa que representa a mediania da condição. Mas os homens que a sorte assignalou para os combates não podem senão nelles satisfazer as impulsões internas (Taunay, 1930, p. 12).

Nessas práticas encomiásticas elaboradas a partir de técnicas retóricas, era também comum o uso de breve genealogia do biografado, como “condição para a boa reputação em que se funda o louvor, o que implica a apresentação elogiosa dos antepassados como pré-requisito ao elogio daquele que é matéria do encômio”.⁷⁹ Neste sentido, a seguinte passagem da *vida* de Pedro de Araujo Lima é bastante representativa:

⁷⁷ *Idem*, p. 160.

⁷⁸ *Idem*, p. 160.

⁷⁹ MOREIRA, M. *As armas e os barões assinalados: Poesia laudatória e política em Camões*. In: Revista Camoniana: revista de estudos de Literatura Portuguesa do Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade do Sagrado Coração. Vol. 7. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005, p. 89.

Provinha [Pedro de Araujo Lima] de nobre linhagem, pois descendia de antigos portuguezes de boa familia, vindos com os primeiros colonizadores daquela capitania. Seus pais, o capitão Manoel de Araujo Lima e D. Anna Teixeira Cavalcanti, deram-lhe a educação primaria possível, naquela epoca e em terras brasileiras (Taunay, 1930, p. 8).

O Visconde faz uso do mesmo recurso nas demais biografias que escreve, a exemplo daquela realizada em nome de Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan, o Visconde de Beaurepaire Rohan, em que o espaço da genealogia do encomiado é assim preenchido:

Filho do marechal de campo Conde de Beaurepaire, veterano da Independencia, e de D. Maria Margarida Skeys de Rohan, senhora de origem irlandeza, e nobre ascendencia, nasceu, a 12 de Maio de 1812, em Sete Pontes, municipio de Nitheroy. Foram-lhe os padrinhos de baptismo o futuro Imperador D. Pedro I e a então Princeza Real depois Rainha D. Carlota Joaquina (Taunay, 1930, p.22).

É, portanto, a exposição da ascendência nobre do encomiado condição de afirmação de sua própria nobreza, ou, segundo a prescrição de Bento Rodrigo Pereira de Soto-Maior e Menezes, “a geração é ilustre, diremos, que á nobreza do nascimento correspondêrão as acsoens da vida: que se foi ilustre pelos ascendentes, muito mais o ilustrárão as virtudes proprias: que pela formosura do ramo se póde conhecer bem a generosidade do tronco”.⁸⁰

A formulação do encômio segue o seu curso, e Taunay demonstra através da escrita da *vida* de Pedro de Araujo Lima os usos de técnica retórica em seu discurso, formulação que se aproxima substancialmente da série de discursos do gênero epidítico como “caso paradigmático (...) em honra de uma pessoa que deve ser celebrada e, portanto, louvada, pronunciado por orador, para isso mesmo contratado”.⁸¹

No gênero epidítico, há mais uma espécie de discurso: o *panegírico*. Valemo-nos aqui da formulação do preceptista Francisco Freire de Carvalho, em suas *Lições Elementares de Eloquencia Nacional*, segundo a qual o panegírico é

Um incenso tributado à glória da pessoa, que d'elle é objecto; e um motivo para o deleite, maravilha e imitação dos que o escutão. Certo é que uma tal especie de Discursos exige a maior perfeição. Por isso que um dos fins principaes destas composições é o deleite, deve o orador usar nellas de toda a pompa da Eloquencia, e vestil-a com todos os seus adôrnos: tem aqui especial logar as expressões mais elevadas, os

⁸⁰ MENEZES, op. cit., p.47.

⁸¹ LAUSBERG, op. cit., p. 84.

pensamentos mais sublimes, o estilo mais vivo e puro, os Tropos e as Figuras mais bellas e exornativas; e as imagens mais maravilhosas e magníficas: em uma palavra, todo o precioso da Eloquencia se deve tirar dos seus thesouros, e fazel-o apparecer em toda a sua grandeza e magestade. (CARVALHO, 1856, p. 264).

Este fragmento constitui boa ocasião para avaliarmos melhor o aspecto da retórica e poética oitocentista no Brasil. Ao apontarmos para a permanência de sistemas normativos ou de preceptivas retóricas e poéticas no Brasil do século XIX, é preciso antes que se diga que não encontramos uma tratadística substancial, que inspirasse uma reflexão sistemática sobre a própria natureza da poesia e da eloquência, como se teria, por exemplo, nas preceptivas francesas e italianas com larga difusão durante os séculos XVI e XVII, mas diferentemente disso, as preceptivas retóricas de que falamos se reduzem, no Brasil oitocentista, a compêndios e manuais ensinados nas escolas e largamente utilizados na formulação discursiva dos oradores das instituições onde se reuniam os letrados do Império. Não se trata, portanto, de uma aplicação cuidadosa de conceitos engenhosos, de agudeza ou de ornatos dialéticos, mas é antes o uso de “toda pompa da Eloquencia”, uma espécie de preciosismo, que obedecia a uma determinação puramente ornamental e empolada dos procedimentos, transformados no “precioso da Eloquencia”.

A citação acima é também importante para compreendermos a prática empreendida por nosso biógrafo. Pois não se trata aqui de uma narrativa “fiel” da vida do biografado, mas antes uma composição operada por meio de artifícios e “pompas da eloquencia”, vestida com “todos os seus adornos”, dos quais Taunay se valerá a fim de construir um verossímil heroico para o objeto do seu encômio, o Marquês de Olinda.

Uma vez posto que o discurso empreendido pelo Visconde parte do gênero epidítico, cujos discursos devem ser pronunciados em forma de louvor ou censura, passemos a entender como são manejados alguns dos ornatos oratórios utilizados pelo Visconde na produção dos afetos que pretende mobilizar via produção discursiva do encômio. Segundo o preceptista Manoel da Costa Honorato, a *amplificação* é o

Conceito que serve para engrandecer ou apoucar os objectos. O seu effeito é asseverar mais a verdade, a fim de que não escapando ao ouvido, porém tornando-se mais sensível, imprima-se no entendimento e mova o coração. Este conceito serve não sómente para ornar o discurso, mas tambem para reforçar as provas e despertar os affectos. Por isso é o mais importante e o mais usado (HONORATO, 1879, p. 60).

A partir da citação acima, em que Manoel da Costa Honorato define o recurso da *amplificatio* como o meio mais eficaz de mobilização dos afetos, analisemos, ainda que sumariamente, o uso que o Visconde faz desse conceito para produzir o elogio do seu herói, desviando os seus feitos do rol de ações vulgares. Na biografia de Pedro de Araujo Lima que aqui analisamos, o Visconde recorre ao evento provavelmente mais singular da vida do Marquês, que foi a sua participação na guerra contra o Paraguai. Elabora, pois, o encômio, primeiro, a partir da descrição do caráter do encomiado, para em seguida formular a sua vida a partir da atuação na esfera pública. Para tanto, Taunay recorre ao evento da guerra como aquele que permite que se entreveja o caráter de bravura e hombridade do seu herói. Recorre, então, à amplificação do evento para que da grandeza da circunstância se deduza a grandeza do objeto do seu louvor; ou, como se lê na prescritiva: “a amplificação pelo raciocínio consiste em engrandecer-se diversas circumstancias, que têm connexão com a cousa, que se pretende amplificar, para que da grandeza de uma se deduza a da outra”.⁸² Apresenta a guerra, então, como um “movimento colossal que, com estranhos rugidos, repercutia até as florestas do Amazonas e as solidões longinquas de Goyaz”, para em seguida descrever a figura heroica do Marquês que, a despeito da idade já avançada, se manteve a frente das batalhas, se portando, como se houvesse recuperado “as forças da mocidade”, como um verdadeiro herói nacional: “quaes na verdade eram os que, em cheio, affrontavam os bulções, as rajadas mais violentas do temporal que o Brasil abalava? (...) O venerando ancião [Pedro de Araujo Lima], o velho presidente do conselho”.⁸³

E retomando as “scenas gigantescas” desse “sorvedouro de vidas” – a guerra – o Visconde ergue a figura heroica do Marquês, deste “venerando ancião”, digno de louvor, seja por sua trajetória seja ainda por seu caráter, recorrendo, agora, ao modo de amplificação pelo “ajuntamento de sentenças semelhantes”, a fim de persuadir melhor o que se pretende:

Setenta e dois annos para elle haviam já soado; setenta e dois annos que para a terra lhe curvaram o corpo, mas sem lhe dobrar a altaneria do espirito; setenta e dois annos que lhe faziam tremer as mãos e augmentar a já antiga surdez, mas lhe deixavam o entendimento, lucido no giro de infindas preocupações (Taunay, 1930, p. 16).

Ao final da maioria das biografias que escreve, Taunay elabora sucinta descrição dos aspectos físicos do objeto do seu louvor, funcionando também como mais um

⁸² HONORATO, op. cit., p. 61.

⁸³ TAUNAY, 1930, p. 19.

elemento a fazer parte do discurso biográfico. O mais curioso é que o Visconde cuida para que a descrição fisionômica, de alguma forma, expresse virtudes morais compatíveis ao caráter do encomiado; a título de exemplo, citamos apenas duas das inúmeras descrições elaboradas por nosso biógrafo:

Era Beaurepaire Rohan de boa estatura, mais para o alto e que a muita idade não encurvou sensivelmente, bastante magro desde a mocidade, rosto alongado, claro, faces de cútis fina, rosada, um tanto encovadas, barbas e cabellos louros, corredios, a custo transmudados em brancos. Usou sempre óculos fixos com aros de ouro sobre olhos de um azul palido, cuja expressão habitual era de grande meiguice e bondade (Taunay, 1930, p.38).

Ou, ainda, como aquela que faz de João Baptista Marques da Cruz, amigo íntimo do Visconde, capitão de artilharia na guerra contra o Paraguai, “morto no campo da honra em defesa do Brasil”:⁸⁴

Era o capitão João Baptista Marques da Cruz de estatura elevada e corpo delgado. Tinha o rosto sobre o comprido, tez bastante morena, fronte larga, cabellos castanhos e um tanto ondulantes, olhos muito apertados, labios finos, mento fortemente accentuado – signal de pertinacia e firmeza – pouca barba, bigode ralo. Da physionomia sobremaneira placida e affavel irradiava expressão branda e affectiva que lhe angariava de prompto muitas dedicações duraveis, cada vez mais fortalecidas pelo trato delicado e leal (Taunay, 1930, p. 44).

As descrições que o Visconde elabora não estão em absoluto livres de normas ou prescrições, é também este um procedimento previsto pela tradição. Segundo a preceptiva *Theatro da Eloquencia ou Arte de Rhetorica*, de Francisco de Pina de Sá e de Mello, fidalgo da Casa Portuguesa, publicada em 1766, conquanto um pouco mais antiga que os compêndios aqui utilizados, declara que são dois os tipos de “prendas” sob os quais se fundamenta o louvor de um ilustre: as adquiridas, que são, por exemplo, as artes e as ciências; e as naturais, que são a gentileza e a saúde. Entendendo “gentileza”, aqui, como a constituição e qualidades do corpo. Segundo o preceptista, a gentileza frágil ou minguada não desmerece o louvor, uma vez acompanhada de excelentes virtudes morais; mas a gentileza dotada de boas qualidades naturais é mais digna de louvores, porque a natureza costuma hospedar “os grandes espíritos nos grandes domicilios; e da estatura e ornato dos membros se póde inferir quanto a alma he

⁸⁴ *Idem*, p. 39.

benemerita de huma habitação divina”.⁸⁵ Daí que, sempre que a compleição física do encomiado dá ensejos ao louvor de seus atributos físicos, o biógrafo se dedica a descrevê-los, uma vez posto que da “estatura e ornato dos membros” é possível criar uma relação de equivalência com o caráter do encomiado. É basicamente a aplicação de um procedimento analógico; trata-se de criar uma relação de semelhança entre a constituição do corpo e o caráter moral do encomiado, entre uma *forma* ou *figura* e suas qualidades distintivas. É, portanto, uma pintura de retrato fisionômico, uma arte regrada apta a distinguir tipos virtuosos, resultando em uma composição verossímil que produz aspectos físicos conformes ao caráter do objeto do louvor.

Isto posto, partimos da ideia de que a *vida* narrada pelo biógrafo é parte, então, de um sistema de convenções ou de lugares-comuns próprios do encômio, que conferem ao objeto do louvor o lugar discursivo de herói, determinado pelas ações exemplares que servirão de modelo, ou como aquilo que pode e deve ser imitado. A dramatização da vida heroica de um ilustre na biografia oitocentista, portanto, delimita ações moralmente virtuosas previstas e rearticuladas da tradição. As ações meritórias dignas de heróis de guerra, de homens de letras ou de servidores do Estado são tipificadas no discurso biográfico, espaço em que são determinadas e assumidas como consenso entre biógrafos e leitores, ou como melhor nos sugere Maria Lídia Maretti: “o comportamento do biografado (...) se justifica à luz de uma norma genérica que a opinião pública admite como verdade irrecusável, ou que pode passar a admitir a partir de sua enunciação”.⁸⁶

Equivale a dizer que as vidas individuais não são dotadas de significado elas mesmas, o que atestam as prescrições segundo as quais a biografia de um ilustre não deve se ocupar de sua vida íntima e das minúcias do cotidiano, devendo referir-se apenas “aos acontecimentos públicos que ele [o biografado] tenha figurado”,⁸⁷ ou seja, a *vida* deve ser biografada a partir de um sistema normativo de regras retóricas, disponíveis nos manuais veiculados à época, visando à reprodução de ações exemplares, para daí então assumir o *status* de vida ilustre porque exemplar. Cabe ao biógrafo, desta forma, organizar os tipos e as ações que vão compor as vidas dignas de publicidade, do que podemos concluir que as *vidas* só possuem efetividade a partir do momento em que são erigidas como memória a ser imortalizada pela escrita biográfica.

⁸⁵ MELLO, Francisco de Pina e de. *Theatro da eloquencia, ou arte de rhetórica, fundada nos preceitos dos melhores oradores gregos, e latinos*. Lisboa: officina de Francisco Borges de Sousa, 1766, p. 254.

⁸⁶ Cf. Maria Lídia Maretti, *O Visconde de Taunay e os fios da memória*, 2006, p. 199.

⁸⁷ HONORATO, op. cit., p. 157.

A vida de um herói de guerra, por exemplo, só se torna vida heroica no momento em que o seu nome é emerso da massa de anônimos e atrelado aos feitos dignos de valentes caracteres. Daí que a monumentalização de uma vida através da biografia é condição de perenização dos valores celebrados por uma dada coletividade da qual esses valores fazem parte. Desse ponto de vista, a vida heroica da biografia é, portanto, uma construção discursiva e não possui legitimidade fora do discurso que a criou. É nesse sentido que a escrita da vida dos “ilustres varões”, ou o discurso biográfico dos Oitocentos, parte da aplicação de um domínio técnico de regras retóricas aptas a mobilizar os afetos de seus leitores que, ao ver ali encenadas as virtudes dignas de louvor desses “brasileiros ilustres por armas, letras e virtudes”, são persuadidos não apenas a imitá-las, mas é também o sentimento do patriotismo a ser ali afetado, uma vez que a biografia está a serviço da exaltação de tipos que não sejam ilustres apenas por suas armas, letras e virtudes, mas principalmente por serem “brasileiros”, afetando, portanto, um sentimento nacionalista.

CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS

Muita pena não nos tenha Francisco Otaviano deixado umas simples páginas íntimas sobre a sua vida, quando não memórias desenvolvidas, conforme fazem os estadistas da Europa, já como proveitoso ensinamento aos que venham depois, já como justificativa perante a posteridade de fatos sujeitos, na ocasião, a controvérsias e reparo, já enfim pelo simples gosto de reviverem o seu passado.

Taunay, *Memórias*

O gênero memórias é correntemente definido como uma narrativa confessional em prosa e retrospectiva que alguém faz de sua própria existência, enfocando a sua história individual, em particular a história de sua personalidade,⁸⁸ ou, ainda, como um gênero que permite que se entreveja, através do relato da vida, o “contexto” ou o “ambiente histórico” em que o memorialista está imerso. Daí que parte significativa dos debates sobre o gênero gira em torno desse caráter duplamente documental, na medida em que não se consegue separar o que ali há de história da nação, o que ali há de narrativa pessoal ou até que ponto essas duas coisas se confundem. Gilberto Freyre, em um texto seu escrito em 1981, para ser publicado como a introdução do livro de memórias de Joaquim Nabuco, afirma:

Escrevendo a sua autobiografia, Joaquim Nabuco não escreveu um livro apenas pessoal: escreveu uma parte da história da formação nacional do Brasil. (...) Visto de perto, o Brasil de Joaquim Nabuco nos dá, em *Minha Formação*, uma síntese em que a autobiografia e história nacional se confundem. (...) Sob este ponto vista – o de um depoimento de interesse nacional, especificamente nacional, dentro do humano – é obra que se inclui entre os mais expressivos livros escritos no Brasil (NABUCO, 1981, p. 11).

Ao nos apropriarmos da fala de Gilberto Freyre sobre Joaquim Nabuco, propondo uma aproximação entre ela e a análise empreendida sobre o livro de memórias do Visconde, o que nos interessa pensar aqui é até que ponto o relato de uma vida, que é o fim primeiro de toda escrita memorialista, se pretende “um depoimento de interesse nacional”, uma vez que nos parece que ao empreender a escrita de suas memórias, Taunay não deseja escrever apenas um “livro pessoal”, mas pretende também escrever

⁸⁸ LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.12.

“parte da história da formação nacional do Brasil”. O que pode ser confirmado pela afirmação do próprio Visconde, quando da entrega das *Memórias* à guarda da Arca do Sigilo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em que escreve:

Grato, bem grato é-me desde já pensar que um dia possam meus compatriotas de futuro encontrar, no meio de muitas reminiscências pessoais, por vezes demasiado minuciosas, informações que não serão de todo inúteis ao conhecimento dos fatos gerais, em que me achei envolvido e do estudo dos homens com quem lidei (TAUNAY, 2004, p. 24).

Sob este ponto de vista, há que compreender que tipo de propósito rege a construção memorialista de Alfredo d’Escagnolle Taunay, ou, dito por outra forma, que tipo de efeito o memorialista pode esperar ao escrever sobre a sua vida e quais eram as condições que tornaram possível a sua escrita. Tudo isso para que se compreenda adequadamente os efeitos do gênero em questão e as suas marcas temporais, uma vez que os gêneros autobiográficos não apresentam uma continuidade, nem demonstram as mesmas características, seja na variedade dos recursos utilizados seja nas implicações que assumem quando de sua leitura por um determinado público.

As memórias do Visconde

O livro de memórias do Visconde de Taunay, escrito a partir de 1890 e só publicado pela primeira vez em 1948, é uma obra curiosa por diversos aspectos e por um em especial: nesse livro, a reelaboração de suas memórias e das experiências vividas parece estar a serviço da construção da imagem de um “illustre brasileiro”, digno de figurar entre os melhores e maiores, entre aqueles que merecem o reconhecimento da posteridade pelos serviços prestados ao país e por suas escolhas pessoais, que sempre foram feitas em função da pátria. E, diante disso, injustiçado por seus contemporâneos, mas confiante na justiça da posteridade, narra a sua vida como deseja que ela seja lida, esperando ocupar o lugar para o qual se acha digno:

Sempre me doe a espécie de condescendência com que os homens de letras brasileiros me colocam entre os literatos de meu país. A tendência é dar-me, quando muito, feição de amador, e certamente não é este o lugar que deve ocupar o autor da *Retirada da Laguna* e de *Inocência*, a querer-se nulificar todos os demais livros que tenho escrito. *Permita a justiça na posteridade que eu consiga a posição de que me acho digno e para a qual trabalhei com todo o esforço,*

vencendo, não raras vezes, desalentos violentos (Taunay, 2004, p. 224, grifos nossos).

Ao dedicar-se à leitura do *Memórias*, algum estranhamento, seguramente, tomará de assalto o leitor. Sob a chancela da sinceridade absoluta, do apego e fidelidade à realidade dos fatos, do relato da minúcia e de qualquer pormenor que lhe tenha sobrevivido à existência, é de se estranhar que Taunay abra mão da narrativa de fatos tão particulares de uma vida. Casamento, filhos, dúvidas dos primeiros anos de maturidade, relação de amizade com literatos contemporâneos seus, pequenos hábitos, lugares de que gostava, eventos inusitados, ou nem tanto, do cotidiano, quase nunca aparecem em suas *Memórias* e, se aparecem, é sempre palidamente. O nosso memorialista parece evitar os episódios que pudessem fazê-lo parecer trivial aos olhos do leitor, ao contrário disso, ao narrar a história de sua vida, Taunay parece concentrar-se apenas naquilo que julga ser os eventos que poderiam contribuir para a construção da sua imagem de homem insigne de *armas e letras*. O cotidiano e o ordinário não tem espaço no seu livro de memórias. O caráter grandiloquente dos eventos narrados, que vai desde a formação esmerada dada por seus pais até a relação de amizade com o então Imperador D. Pedro II, passando ainda por sua formação militar e a participação na guerra contra o Paraguai, a dedicação à carreira política, às artes, às letras, teatro, desenho, música, e que por tudo isso resultou em seu refinamento de gosto e probidade de caráter, é que vão dar provas, mais que suficientes, daquela que parece ser a razão de ser da escrita de suas memórias: narrar uma vida irrepreensível, que não merece outra coisa senão o reconhecimento da totalidade de sua obra, a glória, a sanção e o apreço da posteridade.

Ao iniciar a escrita de suas *Memórias*, a seis de novembro de 1890, já abatido pela doença que o levaria à morte, as complicações provindas do diabetes, Taunay traça um percurso de existência bastante atípico. Da sua infância, as reminiscências são as mais agradáveis – embora marcada pelo rigor excessivo dos estudos e dos exames prestados ao longo de sua vida estudantil no Imperial Colégio Pedro II –, sobretudo as lembranças das férias passadas na casa dos tios, e toda a diversão que daí provinha. Já ao narrar os primeiros momentos de sua vida, Taunay destaca o apreço pelos livros, dando mostras do que eles seguramente viriam a representar em seu futuro:

Como sempre fui amigo dos livros, ainda me recordo da atração, mesclada de respeito, que me inspirava comprida estante bem apercebida de obras de agricultura e principalmente de romances encadernados com certo luxo. Antes de os ler quase todos, o que

depois aconteceu, passava muito tempo a lhes estudar os títulos (Taunay, 2004, p.30).

Ou ainda quando narra: “Já naquela época [durante a infância] tinha eu minhas fumaças de literato, gozando de lisonjeiro conceito entre os colegas”.⁸⁹

A infância surge como o espaço onde serão delineados os aspectos mais relevantes do caráter. Tal qual nas biografias, Taunay expõe os eventos da sua infância já em uma relação de projeção com aquilo que ele se tornará quando adulto. A escrita das *Memórias* parte, assim, de uma concepção segundo a qual a formação da personalidade segue uma cronologia ordenada, na medida em que os aspectos característicos de uma personalidade manifestam-se já na infância, buscando dar uma espécie de significado alegórico aos eventos da meninice, que é vislumbrada como o momento em que a personalidade “atual” se formou e se desenvolveu. É o mesmo modelo que utiliza, por exemplo, na biografia de João Baptista Marques da Cruz, em que escreve:

Sorrisos, pois, não lhe faltaram em derredor nos primeiros annos de vida. Desde a infancia, porém, era-lhe o genio melancolico, ou o todo tristonho, o brincar silencioso; criança, patenteava já irresistivel tendencia para a reflexão, e o pensar intimo, desde pequeno, se lhe estampava no semblante meigo, sympathico e meditativo (Taunay, 1930, p. 39).

Nas *Memórias*, o que fica dos eventos narrados das “risonhas quadras da meninice” é o apreço pela família, a boa ordem de valores transmitidos desde a infância, e o rigor, não só da personalidade, mas também da formação dada pelo pai, ao narrar, por exemplo, que, mesmo antes de frequentar regularmente a escola, e entre uma peripécia de criança e outra, já se dedicava à leitura de grandes autores, como Homero e Molière: “conservo estas obras que me proporcionaram, logo que as recebi, bem bons momentos, porquanto já então gostava bastante da leitura”.⁹⁰ É interessante também que no momento em que se dedica a narrar as travessuras da infância, à medida que vão sendo narradas, vão sendo também justificadas, a fim de que o relato das travessuras não firam a seriedade do seu autorretrato:

Cumpre ter sempre presentes todo o encanto, toda a magia que rodeia os fatos da nossa meninice, naquele período de transição em que tudo na vida nos parece risonho e motivo de galhofa mais ou menos inocente, pretexto para alegres expansões, sem deitar a mal, nem medir alcances (Taunay, 2004, p. 52).

⁸⁹ Taunay, 2004, p. 149.

⁹⁰ *Idem*, p. 40.

Não esquecendo, aqui, a referência que Taunay faz à nobre ascendência de sua família, o que nos remete a outro momento deste trabalho, quando exposto um dos lugares-comuns de composição da biografia dos homens ilustres, que é a exposição da nobre ascendência do encomiado como base em que se fundamenta o louvor do objeto do encômio, no caso, do auto encômio:

Foram meus pais Félix Emílio Taunay, naquela época diretor da Academia das Belas-Artes, filho do célebre pintor da Escola Francesa, e membro do Instituto de França, Nicolau Antônio Taunay, e de D. Gabriela d’Escragnolle Taunay, filha do Conde e da Condessa d’Escragnolle Taunay, esta da família de Beaurepaire, Adelaide de Beaurepaire (Taunay, 2004, p.29).

Entre as reminiscências de infância, tece ainda comentários sobre a situação do Rio de Janeiro, então capital do Império, que embora gozasse de “reputação bem-merecida”, não contava com “nenhum cuidado na higiene pública”. Da infância, também, ficam as lembranças das travessuras de criança no Imperial Colégio Pedro II, bem como a recordação dos professores, dos mais odientos aos mais brilhantes. À guisa de exemplo, cita as aulas ministradas por Joaquim Manuel de Macedo, cuja “auréola de primeiro romancista brasileiro” inspirava orgulho e respeito a um só tempo. Relembra, também, os demais professores, cuidando de dar a cada um breve descrição e disposição de caráter, como o faz com Francisco de Paula Menezes, professor de retórica e poética, “eloquente orador e um dos esteios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, que os fazia decorar “páginas inteiras, palavra por palavra” de um compêndio de retórica por ele publicado. Um trecho curioso se dá quando o Visconde, ao tratar de um determinado professor de latim, chama a atenção para um de seus hábitos: “entremeava as preleções com palavras e anedotas inconvenientes. E não ficava só nisso, mas... di-lo-ei? Não imprimirá a minha falta de reserva feição pornográfica ou, melhor, pouco asseada, a estas páginas?”.⁹¹ Esta passagem nos parece significativa por apontar o tom de *moralidade* que permeará todo o livro de memórias; a chave dessa questão parece estar justamente no propósito que rege a escrita de sua vida: a decisão de dar-se a ver como homem virtuoso, probo e distinto – dando ao leitor a possibilidade de, no julgamento e no exame de seus atos, incluir as virtudes morais do memorialista – parece nortear a escrita dos eventos que devem manter “a feição asseada” do seu livro de memórias, dispensando-se de narrar, daquele “singular pedagogo”, as “palavras descabeladas” capazes de fazer “corar um tambor de artilharia”.

⁹¹ *Idem*, p. 46.

E com que vaidade recorda-se de sua formatura: “bacharel em belas-letas aos 15 anos! Creio que os anais do Colégio Pedro II não encerram muitos destes casos!”.⁹² O bom desempenho na vida estudantil lhe rende também o orgulho do pai, que, amigo do Imperador, escuta do monarca os comentários das boas impressões causadas por Taunay, que narra: “dessas provas recebia excelente impressão o Imperador, que logo a transmitia, simpática e amavelmente, a meu pai. – Sua Majestade – dizia este todo ufano em casa – mostra-se sobretudo surpreso com o aprumo de Alfredo. Parece que realmente chega a ser inaudito”.⁹³ E a formulação do autoelogio parte quase sempre dos comentários alheios: “– Ora esta – exclamava meu tio Carlos – acaso são os heróis feitos para serem tímidos? Também quando eu fazia qualquer travessura maior este tio dizia logo: – Zela, Alfredo, pelas tuas qualidade de herói!”.⁹⁴ Ou ainda quando, pouco mais a frente, fala sobre um de seus entusiastas, um fotógrafo que conhecera durante a expedição de guerra: “Tal qual Carlos XII – exclamava a cada momento – este Taunay há de fazer grandes coisas!”

É de maneira semelhante que o Visconde escolhe escrever sobre os seus atributos físicos, formulando, com uma vaidade quase pueril e a partir de comentários de terceiros, o autoelogio à sua imponente figura: “ainda me vejo hoje, todo esbelto na minha casaca preta feita pelo célebre alfaiate Raunier, (...) e ao passar por diante das senhoras ouvi uma que disse bem alto: ‘é o mais bonito de todos!’”.⁹⁵ Ou como quando narra: “quando esta fotografia [dos membros da Comissão de Guerra] circulou pelas boas rodas de Campinas, uma senhora exclamou: ‘o Taunay parece o Menino Jesus no meio dos doutores!’”.

É também desse tempo o início de sua inclinação para a música:

Desde o começo mostrei muito jeito para composições musicais, e o nosso professor Bevilacqua chegou a falar no quanto lucraria indo eu para Milão estudar harmonia e contraponto. Mais tarde cheguei até a imaginar a possibilidade de escrever uma ópera e tomei por assunto a Andrômaca de Racine. Certo é que o coro dos padres, inicial, e o dueto seguinte revelavam talento e originalidade (TAUNAY, 2004, p.72).

Dos primeiros anos de maturidade, as lembranças que marcam a narrativa são as do Colégio Militar, onde assentou praça no Exército em 1861, abraçando, assim, a carreira das armas. É bem verdade que quando criança desejava ser médico, mas ao

⁹² *Idem*, p. 86.

⁹³ *Idem*, p. 85.

⁹⁴ *Id*, *ibid*.

⁹⁵ *Id*, p. 87.

questionar aos pais sobre que carreira seguir, “das armas”, respondiam pai e mãe a um só tempo, “teus antepassados foram militares; isto obriga, nem há outro destino para o *homem superior*”,⁹⁶ abraça a carreira das armas, então, ainda que a contragosto: “confrangeu-se-me a alma de artista com a idéia da servidão a que me ia sujeitar”.⁹⁷ E, assim, em 1865, aos 22 anos, “todo fardado, de espada e revólver à cinta” segue para a Guerra do Paraguai, com a missão de repelir os paraguaios do Sul da província de Mato Grosso, junto ao corpo de exército comandado pelo então capitão Manuel Deodoro da Fonseca, “que devia tornar-se tão célebre, destinando-lhe a cega fortuna o lugar de chefe da Nação, como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, vinte e quatro anos depois!”.⁹⁸

O relato sobre a sua experiência de guerra inicia já neste momento da narrativa, e segue ocupando parte significativa do *Memórias*. Das cinco partes em que é dividido, três são reservadas ao relato da guerra, sendo que as outras duas tratam, entremeadas pelos eventos de sua meninice, da formação esmerada no Colégio Pedro II e, depois, na Escola Militar, sendo o final de suas memórias dedicado à época em que se tornara político. E Taunay escreve um sem número de escritos em que a guerra ocupa lugar de destaque. Dentre discursos, relatórios, relatos de guerra, e também no próprio *Memórias*, a guerra será elemento fundamental de articulação da narrativa. No entanto, diferentemente do registro utilizado nos documentos acima mencionados, é preciso que se diga, antes, que as qualidades particulares do estilo utilizado no gênero memórias é outro, sendo também prescrito pelos compêndios. Manoel da Costa Honorato, por exemplo, define o gênero memórias como aquele que deve seguir um “estilo simples e familiar”,⁹⁹ o que leva o nosso memorialista a narrar de forma amena alguns eventos, muitos até cheios de espírito.

O estilo familiar, que é quase uma conversação e que se dá “ao correr da pena”, por vezes também leva o Visconde a fazer algumas digressões, o que o faz voltar à narrativa de sua vida sempre com expressões do tipo “voltemos agora aos vaivéns e travessuras daquela época”, “voltemos, porém, ao que eu ia contando”. É preciso que notemos, contudo, que as digressões de nosso memorialista, na maioria das vezes, contribuem também para a sua imagem de homem de letras, culto e bem formado, na medida em que o conteúdo das digressões permite que se veja o seu vasto conhecimento

⁹⁶ *Idem*, p. 89, grifos nossos.

⁹⁷ *Idem*, p. 108.

⁹⁸ *Idem*, p. 146.

⁹⁹ HONORATO, 1879, p. 107

sobre os assuntos dos mais variados. Fala sobre animais, sobretudo cobras, insetos e peixes, sobre literatura canônica, diferentes espécies de plantas, teoria evolucionista, música, religião e filosofia, dentre outros assuntos; e então volta sempre à narrativa de sua vida com um afetado desinteresse por suas divagações: “E basta. Afinal o meu leitor de 1943 interessar-se-á por todas essas coisas?”.¹⁰⁰

Quanto à viagem em missão de guerra, conta sobre cada lugar por que passou. O deslumbramento pela natureza brasileira, as descrições sempre enlevadas das paisagens, das correntes d’água, dos pousos dos tropeiros, dos bandos de pombos ou papagaios e periquitos, da gente que ia encontrando pela estrada e, ao mesmo tempo, tomando nota de tudo quanto fosse possível. E a impressão que lhe causa as paisagens faz com que a natureza seja descrita, no *Memórias*, sempre da maneira mais entusiasmada, tanto que a natureza brasileira se tornará um lugar-comum para a composição de seus trabalhos: “procurei, conscienciosamente, no meu romance *Inocência*, dar ideia daqueles maravilhosos atrativos [da natureza brasileira], daquela íntima e irresistível sedução”.¹⁰¹ E é justamente o conhecer de muito perto os “marvilhosos atrativos” da natureza o argumento que justifica a alta conta em que tem o seu romance *Inocência*: “Ah! *Inocência*... No meu pensar bem leal, talvez ingênuo por isso mesmo, e de bastante imodéstia, *este romance é a base da verdadeira literatura brasileira*”.¹⁰² Este ponto é decisivo para pensarmos em que medida há um projeto, sintetizado no *Memórias*, de imposição de sua autoridade diante dos homens de letras brasileiros, devendo o seu nome encabeçar a lista dos mais importantes e representativos autores da literatura nacional.

De posse das prescrições românticas segundo as quais a natureza deve constituir a legítima singularidade da literatura brasileira, Taunay se detém ao longo de páginas a fio na descrição enlevada das paisagens naturais dos lugares por onde passou, delineando, aos poucos, o seu perfil de autor brasileiro verdadeiramente apto a escrever sobre aquilo que efetivamente conheceu. E isso se torna evidente quando Taunay, ao escrever em suas *Memórias* um longo trecho sobre José de Alencar, então considerado o romancista mais influente de sua época, demonstra ressentimento pelo pouco apreço que mereceu dos seus contemporâneos literariamente falando, amargurado, afirma: “Verdade é que, vivendo num país apático e indiferente, como o Brasil, em todos os

¹⁰⁰ Faz sempre referência ao seu virtual leitor de 1943, ano em que as suas memórias seriam publicadas pela primeira vez, a seu pedido.

¹⁰¹ *Idem*, p. 179.

¹⁰² *Idem*, p. 227, grifos nossos.

assuntos, máxime em literatura, faltaram-me o atrito, a crítica justa ou apaixonada, o interesse dos leitores e as lutas veementes”.¹⁰³ Propõe assim uma espécie de comparação, ainda que não use este termo, entre a sua obra e a de Alencar, fazendo ressalvas, por exemplo, quanto à importância do lugar assumido pelo autor de *O Guarani* pelo fato de que ele não conhecia “absolutamente a natureza brasileira que tanto pretendia reproduzir nem dela estava imbuído”, descrevendo-a “do fundo do seu gabinete” e fazendo dos índios brasileiros “heróis de verdadeiras fábulas oriundas dos *Natchez, Atala e René*”, diferentemente dele mesmo, que conhecera os índios brasileiros – entendidos aqui como mais um elemento a fazer parte dos quadros da natureza – bem de perto: “convivi seis meses a fio e pude observá-los detidamente”; é, portanto, a experiência efetiva da natureza que irá legitimar a importância de *Inocência* como o romance “base da verdadeira literatura brasileira”, e, por consequência, recolocar o nome do seu autor entre os primeiros e mais importantes romancistas do Brasil.

E testemunhamos isso não apenas em *Inocência*, a demonstração do conhecimento da natureza brasileira é também uma preocupação em tantos outros escritos seus, como em *Histórias Brasileiras* e *Céus e Terras do Brasil*. No que diz respeito ao *Memórias* e ao enlevo com que descreve as paisagens durante a viagem em missão de guerra, a figura paterna é evocada mais uma vez para legitimar o caráter invulgar da formação de Taunay, ressaltando a sua vantagem e superioridade diante dos companheiros de viagem na contemplação dos “grandes quadros naturais”, vejamos:

Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único dentre os companheiros, e portanto de toda a força expedicionária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço (Taunay, 2004, p. 179).

É curioso, no entanto, o desenrolar da narrativa. A esta altura e a despeito “dos esplendores da natureza”, passa, então, a descrever todos os percalços pelos quais passou. Começando a preparar o leitor já para as cenas de guerra, o ambiente descrito passa a ser delineado como o pano de fundo em que se dará o desenrolar de sofrimentos dos mais diversos: fome, doenças, contrariedades e angústias até bem cruéis. É este um ponto que merece deste trabalho uma análise mais criteriosa, que será feita mais adiante. Curioso é que, paralelamente à coragem de suportar tais sofrimentos, um dos seus maiores motivos de orgulho de si fora o fato de nunca ter experimentado, durante a

¹⁰³ *Idem*, p. 234.

viagem, “distrações violentas e perigosas”, recusando a acostumar-se “ao uso do fumo e das bebidas alcóolicas”, tendo muito cuidado em saber comeder-se, sendo dos que teve “sempre cuidado em jamais dar, pelo menos, escândalo”.¹⁰⁴

Embora bastante penosa física e emocionalmente, as viagens pelo Brasil, sobretudo aquelas feitas em missão militar, renderam a Taunay, segundo ele mesmo, uma de suas obras mais importantes, que é *A Retirada da Laguna*, onde deixou o evento em questão “contado e com tamanha felicidade que este livro tem sido por toda a parte benevolmente acolhido, merecendo traduções em várias línguas – privilégio importante, pois como diz Madame de Staël, ‘a versão só por si é meia imortalidade alcançada’”.¹⁰⁵ No que segue dizendo: “obterei a outra metade e conseguirá a minha obra a sanção e o apreço da posteridade? Não sei de todo; mas este é o meu ardente desejo”. As demais narrativas militares também tiveram a seu tempo boa acolhida do público. Sinal disso é a redação do *Relatório do Ministério da Guerra*, em 1867, publicado posteriormente na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da mesma forma, alguns dos acontecimentos que envolveram as expedições ao Mato Grosso também aparecem no *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros*, publicado na Revista do IHGB, em 1874, bem como nas *Histórias Brasileiras* e nas *Narrativas Militares*, agora já mais sistematizados. Fora também durante as paradas da viagem, e diante “das grandiosas cenas do interior do Brasil”, que Taunay passou a usar o tempo livre para dedicar-se ao desenho de plantas e paisagens. Além das narrativas e dos documentos oficiais sobre a guerra, compor um álbum de desenhos era, então, uma de suas atividades prediletas: “aliás, sempre tive aprovação distinta nas aulas de desenho da Escola Central”.¹⁰⁶

Parte da guerra, então, em 1867, ano em que a coluna expedicionária, por falta de armamentos e víveres, inicia a retirada da Laguna, incidente que depois descreverá em seu mais célebre livro. Durante o percurso de volta, e sempre contando com a generosidade dos moradores de cada região por que passou, para pouso e alimentação, Taunay encontra os mais variados tipos, cujas características, segundo ele mesmo, ajudaram a compor suas personagens romanescas: “aí vi o anãozinho que me serviu de tipo ao Tico do meu romance *Inocência*”; “Jacinta Garcia deu, pois, nascimento moral a

¹⁰⁴ *Idem*, p. 216.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 307.

¹⁰⁶ *Idem*, p.210.

Inocência”; “escusado é dizer que este representante do carrancismo de passadas épocas me serviu de tipo para o pai da gentil e sacrificada Inocência”.¹⁰⁷

Depois de dois anos no Rio de Janeiro, em 1869, parte para a guerra mais uma vez, agora já nomeado secretário do Estado-Maior do Conde d’Eu, genro de Pedro II e recém nomeado comandante-em-chefe das forças brasileiras em operação no Paraguai. Mais uma vez a carreira militar dá ensejo à composição de suas obras. Sobre a sua segunda viagem à guerra, publica, em 1870, o *Diário do Exército*, descrevendo a ocupação do Paraguai e a morte do seu presidente, Francisco Solano López. Ao voltar para o Rio de Janeiro, finda a guerra, fora recebido com honras pelo então tenente-coronel de Artilharia Floriano Vieira Peixoto.

A partir de então, o que se segue nas *Memórias* são os relatos sobre a sua carreira política. Época em que é nomeado professor da Escola Militar, publica, também, os seus romances mais populares, *Inocência* e *A retirada da Laguna* e é eleito deputado por Goiás. Narra eventos muito curiosos, ao tentar dar ideia exata da feição de um pleito eleitoral, que vai das coisas mais graves, uma vez estimuladas as paixões, a ambição, o orgulho, o amor-próprio, as combinações mais bem travadas até os “fatos mínimos, insignificantes, senão grotescos, que transmudam a vitória certa em desastrada e insanável derrota”¹⁰⁸. Segue falando, até ao final das *Memórias*, a respeito da carreira política, e da sua importante nomeação, em 1886, para senador da província do Paraná, o que não faz sem o seu habitual orgulho de si: “ser senador do Império constituía o supremo anelo dos homens do Antigo Regime”.¹⁰⁹ Outro ponto que merece uma análise mais detida a ser desdobrada em trabalhos posteriores, por aparecer ao longo do *Memórias* de forma insistente, é o fato de Taunay demonstrar, enquanto entusiasta do regime monárquico e profundo admirador de D. Pedro II, a mais sincera aversão à república instaurada em 1889, bem como o abatimento e a melancolia que lhe causavam o novo regime republicano já nos últimos anos de vida.

Taunay narra, portanto, a trajetória de sua vida até quando a própria saúde assim o permite. Diabético, falece, em 1899, aos 56 anos.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 371.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 536.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 553.

Brasileiro ilustre por armas, letras, virtudes, etc.

A guerra dá a luz a estranhos e impensados acontecimentos, os quais, pela novidade são maravilhosos, pela frequência inumeráveis, e pela atrocidade e compaixão, deram ocasião ao antigo provérbio dos gregos: 'Bellum omnium pater' ['A guerra pai de tudo']

Agostino Mascardi, *Dell'Arte Historica*

As cenas de guerra relatadas insistentemente ao longo dos textos redigidos pelo Visconde é um fato curioso por diversos motivos. Pensar, por exemplo, no longo espaço assumido pelas lembranças da guerra na narrativa que o Visconde faz de sua própria vida, nos remete, ainda que às avessas, à afirmação de Walter Benjamin, em seu conhecido trabalho sobre a figura do *narrador*,¹¹⁰ ao enfatizar que os combatentes, ao voltarem da guerra, experimentavam uma espécie de mutismo, num fenômeno que demarcaria por assim dizer a dificuldade de formulação de uma narrativa tradicional no mundo moderno. Benjamin escreve: “no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”.¹¹¹ É, portanto, curioso o contraponto que se pode estabelecer aqui entre a afirmação de Benjamin e a escrita memorialista do Visconde, que tem precisamente na sua experiência no campo de batalha a fonte mais abundante de “experiência comunicável”. E mais que isso, quando se dedica a narrar a própria vida, será justamente a guerra o evento decisivo na configuração de sua autoimagem, buscando nas virtudes de soldado, na bravura, na coragem, nas desventuras vividas em uma *Retirada* a matéria-prima para edificação de uma vida digna de ser narrada.

O enriquecimento das suas experiências pessoais, as implicações desse evento na constituição não apenas do seu caráter, mas para os novos rumos da pátria, a experiência bélica como aquela que marcará definitivamente a sua história individual e também a história da nação, bem como todo o fascínio provocado por um evento de tão grande porte é que vão fixar a importância da guerra contra o Paraguai na narrativa de suas memórias. Se, conforme já dito, propomos aqui a hipótese de que a autobiografia do Visconde se vale de lugares-comuns do gênero biográfico, cujo fim era compor a vida

¹¹⁰ BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

¹¹¹ BENJAMIN, *idem*, p. 197.

heróica de homens ilustres a figurar na história da pátria, é a experiência de guerra do Visconde um ponto fundamental para nos aprofundarmos um pouco mais, tendo em vista o rendimento que a relação entre guerra e narrativa histórica oferece para a leitura de suas memórias. É nesse sentido que partimos da idéia de que a rearticulação dos convencionais termos das armas e das virtudes guerreiras se abre para Taunay enquanto possibilidade de afirmação de sua autoridade de homem de *armas e letras* brasileiro, entendendo que o relato de guerra, enquanto “fato memorável da pátria”, e por isso mesmo matéria histórica por excelência, será produzido seguindo princípios e critérios de uma arte de narrar feitos, de uma arte histórica.

A preceptiva retórico-poética-historiográfica *Dell'Arte Historica*, de Agostino Mascardi, expõe as principais tópicas de composição do discurso histórico. Texto publicado pela primeira vez em 1636, contando com cinco edições seiscentistas e três reedições durante os séculos XIX e XX, *Dell'Arte Historica* é basicamente uma releitura seiscentista dos preceitos retóricos das *auctoritates* sobre o modo de se escrever a história. Não queremos afirmar aqui, no entanto, que o Visconde tenha lido Agostino Mascardi, mas uma vez concordando que as matérias históricas narradas partiam de tópicas conhecidas, formuladas e largamente emuladas em práticas letradas precedentes e contemporâneas ao Visconde é natural que pensemos que o discurso histórico tomado por ele guarde alguma semelhança com determinados lugares-comuns aplicados e consagrados por toda uma tradição. Embora não possamos afirmar que o Visconde tenha lido especificamente a preceptiva de Mascardi, sabe-se de um exemplar da edição de 1674 do *Dell'Arte Historica* que pertence ao acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, instituição amplamente conhecida por Taunay. Com essa informação, também é possível entender a circulação de Mascardi em Portugal e no Brasil, a partir do início do século XIX, uma vez que parte principal do acervo da Biblioteca Nacional se constitui da biblioteca de D. João VI, transportada para o Brasil por ocasião da transferência da corte portuguesa.

Para Mascardi, a arte histórica tem como finalidade “ensinar a narrar a história dos acidentes humanos muito memoráveis”, e mais que isso “o ofício do compositor da história é frequentemente comprometer-se com personagens de excelente qualidade, e com soberanas dignidades merecedoras de reverências”, o que equivale a dizer que se escreve história “para formar no ânimo de quem lê o simulacro da virtude, imitado nos

exemplos de tantos ínclitos heróis”.¹¹² É possível perceber aqui uma apropriação muito clara dessas prescrições de arte histórica pelos letrados oitocentistas, conforme visto noutro momento deste trabalho. E a aproximação que aqui propomos vai além. A partir da preceptiva de Agostino Mascardi, outro ponto que merece a nossa atenção é sobre o caráter daqueles que devem figurar na história:

(...) devendo-se fazer a composição da persona a partir das ações mais longínquas, desde o nascimento, até as mais recentes, do fim da vida. Lembra ao escritor de história que *as vidas que interessam são as dos homens de guerra dotados de eminentes virtudes, com as quais se pode despertar no leitor a imagem virtuosa exemplar*. (SINKEVISQUE, 2006, p. 11, grifo nosso).

Embora a escrita das memórias de Taunay seja fundamentada na suposta “confissão minuciosa” de sua vida, o que fica por outro lado muito evidente durante a leitura do *Memórias* é o filtro rigoroso dos eventos a serem ali narrados. A despeito do seu desejo de “contar tudo quanto lhe sucedera”, Taunay se concentra quase na totalidade do seu texto a narrar a sua experiência de guerra. E note-se que a guerra de que participou já havia sido matéria d’*A retirada da Laguna*. A sua preocupação contínua com o tema da guerra, notada por Wilson Martins, conforme já vimos, como “obsessivo tema de inspiração”¹¹³ é indício de que, sugerindo aqui a aproximação com as preceptivas de arte histórica, Taunay também parece acreditar que as vidas dignas de figurar na história são as dos “homens de guerra dotados de eminentes virtudes, com as quais se pode despertar no leitor a imagem virtuosa exemplar”.¹¹⁴

Ainda no prólogo da primeira edição de *A retirada da Laguna*, Taunay dá mostras do seu largo conhecimento sobre as narrativas de guerra, ao escrever que

As retiradas sempre despertaram grande interesse, não apenas porque são uma operação de guerra muito mais difícil e perigosa do que qualquer outra, mas também porque aqueles que as realizam, já não possuindo entusiasmo nem esperanças, entregues frequentemente ao pesar, ao arrependimento por um erro ou uma série deles, tem de tirar do espírito, tão preocupado, os meios de resistir à fortuna, que os ameaça a todo momento com seus rigores. Tais situações extremas requerem o verdadeiro homem de guerra, e esta é sua marca: a constância inabalável. (Taunay, 1997, p. 32).

¹¹² SINKEVISQUE, Eduardo. *Com furores de Marte e com astúcias de Mercúrio: o Dell’Arte Historica de Agostino Mascardi*. Topoi. Revista de História. Vol.7. Julho-Dezembro de 2006.

¹¹³ MARTINS, op. cit. p. 352.

¹¹⁴ SINKEVISQUE, op. cit., p. 11.

As narrativas sobre os eventos desde o primeiro momento da expedição ao Mato Grosso, tanto em *A retirada da Laguna*, quanto no *Memórias*, são as mais comovidas. A “insuficiência de víveres, a absoluta falta de meios de transporte, a inexistência de uma cavalaria, pouca munição, nenhuma esperança de reforço, ou socorro para um punhado de homens em país inimigo”,¹¹⁵ somando-se a isso o padecimento tanto moral quanto físico, a epidemia de doenças que dizimou parte significativa da tropa, a sombria melancolia a que se entregara por medo de ser sepultado naquele ermo, pela saudade da família e por ver esvaecer a possibilidade de uma carreira promissora, faz deste o palco ideal para a atuação de um “verdadeiro homem de guerra”, que, a despeito de todo sofrimento, mantém a “constância inabalável”, sem que nenhuma agrura consiga abater a sua energia de “soldado brasileiro”.¹¹⁶

É nesse sentido que ao narrar cada um dos infelizes momentos por que passou durante a guerra contra o Paraguai, Taunay coloca diante dos olhos do seu leitor um quadro de infortúnios e desgraças que só é dado a um número reduzidíssimo de homens participar efetivamente. Se a escrita de uma autobiografia narra a trajetória de alguém que tenha se tornado, num dado momento de sua vida, singular, ou seja, se tomarmos a autobiografia como a história de uma singularidade, este momento é, decerto, para Taunay, a guerra.

O que torna a narrativa de guerra tão surpreendente, despertando no leitor a curiosidade e a simpatia por aquele que está narrando talvez seja o fato de que a guerra não diz respeito a uma experiência meramente individual, mas, ao mobilizar o país, a guerra torna singular tanto o indivíduo que esteve em um campo de batalha quanto a nação ali representada por ele, e esse “suposto” indivíduo só se torna importante porque oferece a possibilidade de compartilhamento, de associação de um “sentimento” hipoteticamente nacional. José Veríssimo, em *História da literatura brasileira*, faz o seguinte apontamento:

Após largos anos de paz, de tranquilidade interna, de remansosa vida pacata sob um regime liberal e bonachão, apenas abalada por mesquinhas brigas partidárias que não logravam perturbá-la, rebentou a guerra do Paraguai, que durante os últimos cinco anos do decênio de 60 devia alvoroçar o país. Pela primeira vez depois da Independência sentiu o povo brasileiro praticamente a responsabilidade que aos seus membros impõem estas coletividades chamadas nações. Ele, que até então vivia segregado nas suas províncias, ignorando-se mutuamente,

¹¹⁵ *Idem*, p. 63.

¹¹⁶ *Idem*, p. 67.

encontra-se agora fora das estreitas preocupações bairristas do campanário, num campo propício para estreitar a confraternidade de um povo, o campo de batalha (VERÍSSIMO, op. cit., 275).

A citação acima é reveladora da importância que a guerra contra o Paraguai assumiu para a configuração do sentimento de nacionalidade e talvez o primeiro que tenha brotado “no povo brasileiro” desde a Independência. Taunay, consciente disso, assume para si a responsabilidade de narrar sobre o evento em questão, de trazer aos brasileiros que não participaram efetivamente da guerra os sentimentos experimentados pela coluna daqueles “infortunados soldados”,¹¹⁷ que, exposta a tantos males, só por um “profundo senso de disciplina” e amor à pátria ainda se mantinha nas fileiras; narrar as desventuras da retirada significava convidar o leitor a conhecer “as mais terríveis provações” a que um “pequeno corpo de exército quase perdido nos vastos espaços desertos do Brasil” fora obrigado a passar.¹¹⁸

A narrativa sobre o evento da retirada da Laguna guarda em si a importância do registro de um evento singular, representando, para Taunay, o registro de “um acidente humano muito memorável”,¹¹⁹ que certamente dará a ele um lugar entre os heróis da nação que, além de ter vivido todas as agruras da guerra, tornando-se um daqueles caracteres “dotados de eminentes virtudes, com as quais se pode despertar no leitor a imagem virtuosa exemplar”, ainda lhe fora possível, sob a generosa pena, narrar com minúcia tudo quanto ali acontecera. Estão aí registradas, no seu livro de memórias, todas as informações a respeito daquele corpo de exército que foi lutar na guerra,

cujas aventuras dramáticas e até trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse – talvez para sempre! – livrado do esquecimento (Taunay, 2004, p. 135).

Mais do que por ter ido à guerra, o que provavelmente para Taunay representa o seu grande feito é ter inscrito na memória da nação tão importante evento, o que faz dele, portanto, duplamente merecedor de reconhecimento, primeiro, pela bravura ao lutar em um campo de batalha e, segundo, pelo esforço de reviver pela lembrança e registrar tudo o que ali tenha acontecido; isto nos fornece uma excelente pista para a discussão, uma vez que podemos perceber aí a importância que esta tópica, *armas e letras*, assume para o nosso memorialista, uma vez que juntos deverão lhe valer um lugar na história da

¹¹⁷ TAUNAY, O Visconde de. *A retirada da Laguna*; tradução e organização Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 42.

¹¹⁸ *Idem*, p. 37.

¹¹⁹ SINKEVISQUE, op. cit., p. 12.

nação e a tão desejada imortalidade. É este um dado importante na obra de Alfredo d'Escragolle, porque nos permite pensar, como melhor nos sugere Alcir Pécora, “ao passado grandioso da pátria é necessário que se ajunte a inteligência dele, pela arte, a fim de que o accidental e o particular dos feitos alcance o estatuto necessário e universal de virtude e excelência”.¹²⁰

A narrativa sobre a sua vida – que é ao mesmo tempo um relato minucioso de guerra – é ordenada, portanto, a partir de um conjunto de formulações que circunscreve a importância do evento em questão. Dos seus 56 anos de vida, menos de dois deles foram de experiência em um campo de batalha, e seguramente suficientes para definir a importância do seu nome no rol de “brasileiros ilustres por letras, armas e virtudes”, reafirmando a sua posição de herói nacional. A encenação dos sofrimentos em um campo de batalha será o “método” privilegiado por Taunay na composição de sua “vida ilustre”, sempre no sentido de motivar os afetos do leitor na sequência de imagens e sentimentos desoladores.

As formulações a respeito da guerra nas *Memórias* resultam em uma evidente teatralização do evento, cuja finalidade é excitar as paixões e mover os afetos, tornando mais efetiva a recepção e o interesse dos seus leitores. A força dramática das cenas de guerra é sinalizada ao longo da narrativa com formulações do tipo: “Que horas tão longas! Que dias intermináveis! Que pensamentos tão sombrios e todos convergindo para uma solução única – a morte”.¹²¹ Ou ainda: “Que cenas, santo Deus! Só mesmo a imaginação lúgubre e superexcitada de algum tresloucado Edgar Poe, em noite de desvario e alucinação!”.¹²² Partindo ainda de técnicas retóricas que sintetizam bem o sentido trágico que pretende dar àquele desafortunado acontecimento: “busquei no mais possível diluir as cores destas terríveis e lúgubres cenas, evitando a pecha de exagerado”. Tornam-se mais claras, assim, as estratégias de escritura que o Visconde utiliza na narrativa de suas reminiscências, em especial na minuciosa narrativa do evento que passará a compor o imaginário de seus leitores quando tiverem de recolocar o seu nome na história da nação.

Este recurso – concentrar-se nas minúcias da guerra enquanto narra a sua própria vida – traduz a singularidade do texto autobiográfico de Taunay: não se trata apenas de registrar o fato histórico, mas o sentido explicitamente trágico que dá àquele evento

¹²⁰ PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 162.

¹²¹ Taunay, *Memórias*, p. 201.

¹²² *Idem*, p. 328.

atesta o efeito *patético* a ser produzido por sua narrativa. Este aspecto que nos chama a atenção para a qualidade retórica da narrativa do Visconde se fundamenta na riqueza de detalhes menores e a minúcia com que narra as cenas de guerra. Os quadros são os mais diversos: desde a agonia dos combatentes quando infectados pelo cólera-morbo, passando pelas intempéries da natureza, as chuvas torrenciais que os faziam ilhados e famintos por dias, bem como as cenas que descrevem batalhas contra o exército paraguaio, atingem tal vivacidade que evidencia um tipo de estratégia retórica que consiste em fazer, como lemos no *Compendio* de Manoel da Costa Honorato,

uma pintura feita com tal viveza, que parece estar-se vendo o objecto representado por ella. Á similhaça da pintura feita com tintas, que fielmente nos representa o objecto contido em um quadro, a enargueia desperta em nossa phantasia objectos phisicos de tal maneira, que nos parece estar realmente vendo o quadro mental que se nos representa (Manoel da Costa Honorato, 1876, p. 56).

E é a aplicação desse procedimento, a *enargeia*, que produz, ao longo do *Memórias*, os “quadros mentais” elaborados pelo Visconde sobre a guerra, dando ao leitor a possibilidade de imaginar o impacto daquele evento na formação e na constituição moral daqueles que participaram efetivamente de cada um dos eventos narrados; ao por diante dos olhos, com riqueza de minúcia, as cenas de guerra e ao amplificar a superioridade do inimigo, o narrador dá ao leitor a dimensão trágica do evento, e por intermédio do elogio ao heroísmo dos companheiros seus, Taunay faz, por consequência, o seu autoelogio enquanto também herói de guerra. É incumbido, ao final da retirada, de redigir a ordem do dia, e também a transcreve no *Memórias*:

A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias mais difíceis. Sem cavalaria, contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos em que o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pelo *cólera* que vos roubava, em dois dias, o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos esses males, todos esses desastres vós o suportastes numa inversão de estação sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas, e através de imensas inundações, em tal desorganização da natureza que ela parecia conspirar contra vós. Soldados, honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras! (Taunay, 2004, p. 341).

Taunay coloca, portanto, a sua experiência de guerra como o centro gravitacional ao redor do qual todos os outros eventos de sua vida passaram a orbitar. É nesse sentido que a intensidade da narrativa do martírio é análoga à coragem, à bravura e à altivez com que suportou todos os infortúnios, e é justamente essa particularidade que nos proporcionou uma via interpretativa que vincula a escrita de sua vida à escrita da vida dos homens ilustres, em que o que está em jogo é a construção moral da sua imagem de herói nacional.

Palavras Finais

O estudo que levou à elaboração deste trabalho nasceu de reflexões a partir da leitura cruzada entre as *Memórias* do Visconde de Taunay e as biografias veiculadas nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como aquelas escritas pelo próprio Visconde. A leitura de alguns manuais e compêndios de arte retórica, que circulavam durante o século XIX, também nos forneceu uma importante chave de leitura que, ao mesmo tempo em que ressaltava as novidades do gênero praticado pelos letrados oitocentistas, apontava, da mesma forma, para a aplicação de tópicos recorrentes na escrita de “vidas ilustres”, largamente cultivadas nas tradições letradas do Antigo Regime.

Fixado o objeto de pesquisa, a primeira questão a ser posta era no sentido de compreender como a história, que não era pensada ainda enquanto disciplina científica, se configurava enquanto uma arte histórica, enquanto prática discursiva cujo conteúdo, moralizante, estava vinculado ao registro dos fatos memoráveis da pátria e da narrativa de vidas ilustres. Sendo assim, pensar a história dissociada da prática biográfica acarretaria não entender os efeitos e os fins da biografia. Para tanto, fez-se necessário que mobilizássemos, também, as referências dos letrados em sua estreita relação com prescritivas retóricas.

É certo que os “historiadores” brasileiros, sobretudo aqueles vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fazem referência, em seus textos, a Cícero e a Tucídides, entre outras autoridades antigas, contudo, ao compreender a permanência da retórica durante o século XIX, seja ensinada nas escolas seja aplicada nos púlpitos, com finalidade oratória, pareceu-nos que olhar para esses manuais e compêndios veiculados durante o século XIX abriria uma possibilidade maior para compreender o

substrato retórico que permeava o discurso histórico e, por extensão, o biográfico. E associar alguns dos manuais retóricos circulantes no período em questão à prática biográfica foi fundamental para compreender com maior precisão os fundamentos e os fins dessas *vidas*, o que nos permitiu uma maior mobilidade na análise do livro de memórias do Visconde.

A ideia da existência de um sistema normativo vigente ainda no século XIX possibilitou uma compreensão maior do objeto em questão, na medida em que abriu um campo vasto de possibilidade de repensar as práticas literárias durante o século XIX.

Como procuramos demonstrar ao longo deste trabalho, pode-se perceber nas biografias redigidas pelo Visconde o seu amplo conhecimento sobre as regras da eloquência, evidenciadas no uso de ornatos aptos a produzir o efeito desejado pelo biógrafo. Buscamos, assim, cotejar a escrita biográfica e a escrita autobiográfica para daí então partir da hipótese de que, a despeito de tomar as confissões rousseauianas como paradigma do seu próprio projeto “confessional”, Taunay se vale de preceitos largamente utilizados por uma tradição de escrita de vidas ilustres, a fim de compor o seu autorretrato como homem de letras e armas brasileiro, que não merece outra coisa senão o reconhecimento da posteridade. Parece-nos que em vez de confiar a tarefa da escrita de sua vida a um provável biógrafo, epíteto tão comum entre os seus contemporâneos, escolheu o nosso memorialista, ele mesmo, narrar a sua vida como ele gostaria que ela fosse lida, assumindo, portanto, o lugar de autobiógrafo como única possibilidade de se certificar que o que seria divulgado sobre a sua história teria o aval de sua própria pena.

É, portanto, singular o método mnemônico do Visconde, na medida em que escolhe fatos muito precisos que têm como finalidade apresentar uma imagem elaborada de si. O que afasta as memórias do Visconde de uma suposta “modernidade” é o fato de que, na exposição da sua vida, Taunay não está interessado na construção de um tipo particular de conhecimento: o conhecimento de si; o que significa dizer que o Visconde, em suas memórias, toma a sua vida como um *typus*, como aquilo que é passível de ser posto da maneira mais transparente, com o rigor objetivo de quem contempla a sua vida como um quadro terminado a ser somente transposto para o papel.

É preciso que fique claro que a leitura que aqui propomos não delimita um espaço definido onde se possa acomodar bem as memórias do Visconde. A pretensão deste trabalho é justamente confrontar ou, antes, demonstrar o que subsiste de tradição

nos escritos memorialistas de Taunay, sem, contudo, retirar dele as feições que o inscrevem como homem do século XIX.

Para finalizar, retomamos, aqui, a epígrafe que utilizamos no início de nosso terceiro capítulo, em que o Visconde lamenta, já ao final de suas *Memórias*, o fato de Francisco Otaviano, antigo amigo dos tempos do Parlamento, não ter deixado “umas simples páginas íntimas sobre a sua vida”, pois o conhecia de muito perto, e a cada conversa, a cada anedota era tomado pelas melhores impressões. Tomamos por empréstimo, então, as suas palavras sobre Francisco Otaviano aplicando-as aqui para dizer o que nos fica de impressão sobre o seu livro de memórias: “fora uma delícia conhecer-se o que lhe havia ficado de tantas e tão várias impressões e peripécias, ele que andou imiscuído nas maiores questões da existência brasileira e muito girou na vasta e aberta cena pública e da governança ou, então, nos bastidores e por trás dos reposteiros”.¹²³

¹²³ Taunay, *Memórias*, p. 528.

REFERÊNCIAS

a) Específica

BARBOSA, Januário da Cunha. **Discurso**. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo I, 1839.

BARANTE, Le Baron de. “Discours de Reception Prononcé a l’Academie Française”. In: **Mélanges Historiques et Littéraires**. Tome Troisième. Chez Ladvocat Librairie: Paris, 1835, p. 6.

BLAIR, Hugh. **Leçons de rhétorique et de belles-lettres**. Paris: Chez Gide Libraire, place St. Sulpice, 1797.

CARVALHO, Francisco Freire de. **Lições Elementares de Eloquência Nacional para uso da mocidade de ambos os hemispherios, que falla o idioma portuguez**. Lisboa: Typographia Rollandian, 1856.

HONORATO, Manoel da Costa. **Compendio de rethorica e poetica. 4ª Ed. consideravelmente augmentada. Adaptado ao programma do Imperial Collegio Pedro II**. Rio de Janeiro: Typographia Cosmopolita, 1879.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **Anno Biographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, 1876.

MELLO, Francisco de Pina e de. **Theatro da eloquencia, ou arte de rhetórica, fundada nos preceitos dos melhores oradores gregos, e latinos**. Lisboa: officina de Francisco Borges de Sousa, 1766, p. 254.

MENEZES, Bento Rodrigo Pereira de Soto-Maior. **Compendio Rhetorico ou arte completa de rhetorica com methodo facil, para toda a pessoa curioza, sem frequentar as aulas saber a arte da eloquencia: toda composta das mais sabias doutrinas dos melhores autores, que escreverão desta importante sciencia de falar bem**. Lisboa: Na of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1794.

Nitheroy: revista brasiliense. Ciencias, Letras e Artes. Tomo Primeiro. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836.

PLUTARQUE. **Les vies des hommes illustres de Plutarque**, Traduites en françois, avec des remarques historiques et critiques, nouvelle edition, revue, corrigée, et augmentée de plusieurs Notes; & d'un Tome Neuvième. Par Mr. DACIER, de l'Academie Royale des Inscriptions & Belles Lettres, SEcretaire perpetuel de l'Academie Fraçoise, Garde de Livres du Cabinet du Roi. Chez Zacharie Chatelain: Paris, 1735.

SANTOS, Presalindo de Lery. **Pantheon fluminense: esboços biographicos**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinge & Filhos, 1880.

SILVA, João Manuel Pereira. **O Plutarco Brasileiro**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1847.

SILVA, Manuel Francisco Dias. **Diccionario Biographico de Brasileiros Celebres**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1871.

SISSON, S. A. **Galeria dos brasileiros ilustres**. Brasília: Senado Federal, 1999.

SOUSA SILVA Joaquim Norberto de. **Brasileiras Celebres**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

TAUNAY, Visconde de. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

_____. **Dois artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes**. Rio de Janeiro, Cia. Melhoramentos de S. Paulo, 1930.

_____. **Discurso do Orador**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 56, 1887.

_____. **Estrangeiros Ilustres e Prestimosos no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1932.

_____. **Amor ao Brasil: Catálogo de estrangeiros ilustres e prestimosos/ 1800-1832**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1998.

_____. **O Visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da Humanidade**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930.

_____. **A retirada da Laguna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Pedro II**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1933.

_____. **Servidores Ilustres do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

_____. **Augusto Leverger – Almirante Barão de Melgaço**. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

_____. **O Grande Imperador**. São Paulo: Melhoramentos, 1932.

_____. **Discurso proferido perante sua majestade o Imperador na sessão magna aniversária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert e C., 1889.

_____. **Dias de Guerra e Sertão**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1927.

_____. **Reminiscências**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1923.

_____. **Homens e Cousas do Império**. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

VARNHAGEN, Adolfo de. **Historia Geral do Brazil**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1850, p.11.

b) Geral

ASSIS, Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”. In: **Obra completa**. 3. ed. Vol. 3. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

AUGUSTI, V. **Escrever e ler romance na escola**. Floema: Ano VII, n. 9, p. 361-381, jan./jun. 2011.

BAPTISTA, Abel Barros. **A formação do nome – Duas interrogações sobre Machado de Assis**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1988.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. 4ªed. São Paulo: Martins, 1964.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol. I a VI, 6ª ed. São Paulo: Global, 2003.

DAMIÃO, Carla Milani. **Sobre o declínio da sinceridade**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GALLE, Helmut, Org. e Outros. **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume, 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. Estudos Históricos, Caminhos da Historiografia, vol I. Rio de Janeiro, 1988.

GOETHE, J. W. **Escritos sobre literatura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 19.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HANSEN, J. A. **As categorias epidíticas da ekphrasis**. Revista USP. n°71, 2006.

_____. **A sátira e o Engenho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. “Educando Príncipes no Espelho”. In: **Floema Especial**. Ano II, n. 2 A, out. 2006, pp. 133-169.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.75.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. 2ªed. São Paulo: Cultrix, 1977.

MARETTI, Maria Lídia. **Os romances urbanos do Visconde de Taunay**. São Paulo: XI Congresso da ABRALIC, 2008.

_____. **O Visconde de Taunay e os Fios da Memória**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

MEDEIROS, Sérgio. Prefácio. In: TAUNAY, Visconde de. **Memórias**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in Caelum Revocata? Uma Proposta de Edição e Estudo da Tradição de Gregório de Matos e Guerra**. São Paulo: EDUSP, 2011.

_____. **As armas e os barões assinalados: Poesia laudatória e política em Camões**. In: Revista Camoniana: revista de estudos de Literatura Portuguesa do Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade do Sagrado Coração. Vol. 7. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005, p. 89.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Introdução de Gilberto Freyre. 10ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

OLIVEIRA, Maria da Glória. **Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)**. História, São Paulo, v. 26, n. 1, 2007, pp. 154-178.

_____. **Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista**. Varia Historia, Jun 2010, vol.26, n.43, pp.283-298.

PÉCORRA, Alcir. **Máquina de Gêneros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PINTO, Lúcia R. V. **A constelação espacial das cenas de origem em Scènes de la Nature, de Ferdinand Denis**. Revista USP, v. 91, 2011, pp. 113-124.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**; Tomo I. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SANCHEZ, Edney C. T. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX**. São Paulo/Campinas: IEL/Unicamp, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Os guardiões da nossa história oficial: os institutos históricos e geográficos brasileiros**. São Paulo: IDESP, 1989.

SINKEVISQUE, Eduardo. **Com furores de Marte e com astúcias de Mercúrio: o Dell'Arte Historica de Agostino Mascardi**. Topoi. Revista de História. Vol.7. Julho-Dezembro de 2006.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: EdUERJ: 1999, p. 31.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves e Cia, 1916.